

GEPAM



*Grupo de Estudos, Pesquisas
e Artes da Maçonaria no Pará*



Dezembro de 2025

Número 10

**GEPAM - É a revista oficial para publicação da
Academia de Ciências Letras e Artes Maçônicas – ACLAM GOB-PA.**



ACLAM GOB-PA Diretoria 2024/2025

Presidente: Sidnei Baumann

Vice-Presidente: Luckacks da Silva Rafalski

Primeiro Secretário: Edilson Jorge Calderaro Neves

Segundo Secretário: Jaime Freire Campos

Tesoureiro: Moacir Terrin Pereira

Diretor de Biblioteca: Kenny Roger Auad Pacheco

Diretor de eventos: Eric Patricio Alves Gomes

Dados Catalográficos ISBN: 978-65-00-48989-7

1. Maçonaria. 2. Periódico 3. GEPAM 4. ACLAM

Data: dezembro/2025 Número: 10 Volume: 01

Periodicidade: Semestral

Conselho de editorial:

Sidnei Baumann e Alexandre Gomes Galindo.

Contato:

(93) 99194-1655

sidnei@qualityeletro.com.br

*Deseja ser um **ASSINANTE GRATUITO**
preencha os dados do formulário e receba
as publicações via **e-mail** ou **WhatsApp***

<https://bit.ly/4aS8ocW>



Os artigos publicados são de inteira
responsabilidade de seus autores.
As opiniões e conteúdo nele emitidas
não exprimem, necessariamente,
o ponto de vista dos editores
desta publicação.

GEPAM

Falar... todos nós falamos!
Falar bem... apenas alguns
dominam a “**Oratória**”.
Escrever, segue a mesma linha lógica,
com o agravante de muitos evitarem
deixar suas impressões a vista,
estando **sob tutela da “Poltronaria”**.

Porém, como MAÇONS...
em busca da “**EVOLUÇÃO**”
para transformação de
HOMENS BONS em
“**HOMENS MELHORES**”

Apresentamos o periódico do GEPAM
que tem a **finalidade** de **estímular à**
produção literária e artística,
tendo a **Maçonaria sua**
PEDRA ANGULAR

Levantando “**TEMPLOS À VIRTUDE**”
de **boas publicações...**
Cavando “**MASMORRAS**” aos vícios,
medos e “**PROCRASTINAÇÃO**”
da **produção literária e artística**

Recebemos sugestões
que nos levem à **EVOLUÇÃO...**
através de trabalhos dos
artistas e escritores maçônicos
de **todos os Ritos e Orientes**.

Para Honra e Glória do G.: A.: D.: U.:

Sumário

1 . Maçons: Suas conexões moldam sua realidade	04
<i>Sidnei Baumann</i>	
2. Pardes e a exegese maçônica	08
<i>Adelino Lourenço Neto</i>	
3. A QUADRATURA DO CÍRCULO: Reflexões sobre uma construção interna	12
<i>Emanuel Tadeu Coutinho Machado</i>	
4. Física Quântica e consciência de si	20
<i>Sidnei Baumann</i>	
5. Da religião ao mito	24
<i>Renato Barros</i>	
6. A Maçonaria e o Ecumenismo	26
<i>Luciano Armando Vilete</i>	
7. A vaidade na Maçonaria	38
<i>Renato Barros</i>	
8. Simbolismo da vela de cera pura de abelha.	40
<i>Benjamim Oliveira Engelke</i>	
9. Ferramentas do Companheiro Maçom e sua analogia com a cultura Afro-Religiosa	46
<i>Marcos Barbosa Vulcão</i>	
10. O Simbologismo da corda de 81 nós, e suas interpretações na visão do Aprendiz Maçom	50
<i>Benjamim Oliveira Engelke</i>	

11. Mestre de Cerimônias, e sua ligação com Adão, uma análise bibliosófica do seu trabalho	54
<i>Johnatta Souza do Nascimento</i>	
12. A Maçonaria e sua simbologia – as alegorias que se agregaram em minha vida profana	64
<i>Marcos Barbosa Vulcão</i>	
13. Poema Maçônico: Vida é luz, palavra e caminho	68
<i>Pedro Velleda</i>	
14. Poema: Preservação	70
<i>Zacarias Medeiros</i>	

Maçons: Suas conexões moldam sua realidade

Sidnei Baumann

Uma frase muito conhecida dos maçons, independentemente do Rito praticado, é a do Salmo 133, que mesmo sendo de poucas linhas, trazem as belas palavras do salmista:

¹Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união!

²É como óleo precioso derramado sobre a cabeça, que desce pela barba, a barba de Arão, até a gola das suas vestes.

³É como o orvalho do Hermom quando desce sobre os montes de Sião. Ali o Senhor concede a bênção da vida para sempre.

Nas lojas maçônicas, comumente ouve-se citações parciais desta, assim saliento que as pessoas de sua interação (maçons ou profanos) afetam sua realidade cotidiana, de modo maior do que se possa imaginar inicialmente. Pois quando interagimos com outras pessoas, há uma conexão pessoal e quântica (quer você perceba ou não). Esclareço que, quando duas ou mais pessoas interagem, através de ações e respectivas conexões, elas sofrem o que a física chama de Emaranhamento Quântico. Segundo Amit Goswami (2008), uma vez que dois sistemas entram em correlação, eles passam a compartilhar uma função de onda única. O que acontece com um, afeta instantaneamente o outro, independentemente da distância.

Assim ao interagirmos com outras pessoas, nossas "funções de onda" biológicas e energéticas se combinam. As pesquisas realizadas pelo HeartMath Institute demonstram que o campo eletromagnético do coração — o mais forte do corpo humano — pode ser detectado por outras pessoas a metros de distância, influenciando as ondas cerebrais de quem está ao redor. Então não é uma simples metáfora dizer que algumas pessoas parecem nos sugar em determinados ambientes, e voltamos para casa acabados e sem energia.

Uma característica que temos enquanto serem mortais encarnados, é que as nossas emoções são “frequências” e elas procuram sintonia com outros. Somos similares a imãs tentando se acoplar em outros imãs (as vezes de polos opostos e as vezes de mesmo polo). Nossas emoções são contagiosas: microexpressões, tom de voz e linguagem corporal ativam neurônios-espelho. Até nossos hormônios se alinham: o estresse de um aumenta o cortisol de todos; a gentileza de um eleva a ocitocina do grupo. Em termos simples: interagir com outros é se entrelaçar energeticamente com eles.

Assim como partículas entrelaçadas, nossos destinos passam a influenciar um ao outro. Giacomo Rizzolatti (2008) descobriu depois de muita



pesquisa que através dos “neurônios-espelho”, nosso cérebro mapeia as intenções e estados emocionais do outro, ou seja, nosso sistema nervoso entra em “ressonância simpática” com o alheio (felicidade ou stress). Por isso é perigoso dividir energia com pessoas caóticas, pois a função de onda delas colapsa na sua, podendo arrastar você para os estados emocionais delas, medo, confusão, autossabotagem. Elas acabam por influenciar seus pensamentos, sua saúde e principalmente o seu futuro sem você perceber. Você quer isso para sua vida?

Como afirma Joe Dispenza (2018) em “Quebrando o Hábito de Ser Você Mesmo”, o ambiente sinaliza ao gene. Se o seu ambiente social é tóxico, você está literalmente instruindo suas células a permanecerem em modo de sobrevivência. Por outro lado, conectar-se com pessoas que vibram em estados de gratidão e clareza promove a Coerência Cardíaca, um estado de alta eficiência fisiológica onde os sistemas nervoso, cardiovascular e imunológico trabalham em harmonia. Assim, você maçom, seja o autor consciente da sua realidade, escolhendo o que é melhor:

Lei da Proximidade: Avalie as pessoas com quem você mais convive. Se elas vivem com palavras negativas, sua biologia está tentando se alinhar a esse padrão, então afaste-se destas pessoas negativas. Alinhe-se com pessoas e grupos de estudo de alto astral e conhecimentos que já operam na frequência positiva que você deseja alcançar.

Prática da Intencionalidade Visual: Antes das atividades maçônicas (Grau 1, 2 e principalmente o 3), visualize seu campo energético calmo e positivamente. Gregg Braden (2009) afirma que “o sentimento é a linguagem que o campo quântico entende. Preencha-se de paz antes de entrar no ambiente para não ser arrastado pela baixa frequência alheia”. Então, escolha bons pensamentos antes das oficinas e atividades maçônicas.

Higiene Emocional Pós-Interação: Após passar tempo com pessoas “drenantes ou sugadoras”, utilize técnicas de aterramento (grounding) com respiração rítmica e palavras de REIKI. Jogue para o centro da terra o que não lhe faz bem, desentrelace do estado emocional do outro, e mantenha sempre sua vibração positiva.

Desenvolvimento da Observação Consciente: Aprenda a ser o “observador” e não o “participante” do caos alheio. Não se envolva com os problemas do outro. Na física quântica, o efeito do observador colapsa a função de onda. Se você observa o caos sem se identificar com ele, você evita a fusão energética. Essa carga não é sua!



Conclusão

Escolha o que lhe convém e sendo o melhor para você, pois quando você se conecta com pessoas que vibram clareza, gratidão e visão... seu campo se alinha com possibilidades superiores. A coerência delas estabiliza sua fisiologia, organiza seus ritmos neurais e aumenta suas chances de crescimento e sucesso. Energia nunca está isolada, ela ressoa, se propaga e cria padrões. Escolha os melhores. Isso não é só psicologia, é física e energia que definem seu destino. Escolher com quem você se reúne e se conecta, mesmo que momentaneamente, é a decisão mais importante para sua evolução maçônica, biológica e espiritual.

Referências Bibliográficas

BRADEN, Gregg. A Matriz Divina: Uma jornada através do tempo, do espaço, dos milagres e da fé. Rio de Janeiro: Cultrix, 2009.

DISPENZA, Joe. Quebrando o Hábito de Ser Você Mesmo: Como desconstruir sua mente e criar uma nova. São Paulo: Citadel, 2018.

GOSWAMI, Amit. A Física da Alma: A explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e a experiência de quase morte. São Paulo: Aleph, 2008.

INSTITUTE OF HEARTMATH. The Energetic Heart: Bioelectromagnetic Communication Within and Between People. Boulder Creek, CA: HeartMath Research Center, 2002.

RIZZOLATTI, Giacomo; SNEIGAGLIA, Corrado. Mirror Neurons: How We Share Actions and Emotions. Oxford: Oxford University Press, 2008.





Pardes e a Exegese Maçônica

Adelino Lourenço Neto

“Sem conhecimento não pode haver compreensão; sem compreensão não pode haver conhecimento” provérbio judaico

A Maçonaria é reconhecida como uma Ordem discreta, que se pauta na utilização de símbolos como um método de aprendizado gradual, capaz de estabelecer a conexão de vários conceitos que ensinam e fortalecem os valores e princípios de seus membros, sendo indispensáveis àqueles que buscam o seu aprimoramento e a sua evolução espiritual, pessoal e social dentro da Ordem.

Com sua origem nos canteiros de obras, sua simbologia abarca o mote maior da construção, reforçando, junto a seus membros, a necessidade constante de lapidação moral, intelectual e espiritual durante sua Jornada Maçônica.

Como forma de manter esses ensinamentos o mais restrito possível, a Maçonaria procura velar e proteger os seus muitos segredos dos olhos daqueles que ainda sejam considerados profanos. A maneira encontrada pela Ordem Maçônica para ministrar os seus muitos segredos e ensinamentos aos seus Iniciados, é procurar sempre fazê-lo utilizando símbolos.

Muitos, por desconhecer a chave fundamental do conhecimento para o seu entendimento simbólico e a profundidade de cada um, acabam por julgar erroneamente a Ordem e seus símbolos, seja por ignorância, preconceito ou por puro desconhecimento.

Nesse sentido, o universo simbólico maçônico possui camadas de entendimento que acabam por se entrelaçar com o processo de reflexão e aprendizagem individual de cada Maçom. Assim, a Cabala possui uma ferramenta muito interessante, que visa compreender que existem níveis de entendimento no processo de desvelar simbólico. Qualquer história, narrativa, texto mitológico, escrituras sagradas e símbolos devem passar por esse crivo ao qual os cabalistas chamam pelo acrônimo de PaRDeS (Jardim dos Segredos ou Pomar).



Figura 1: PaRDeS (Pomar em Hebraico). Acróstico dos níveis de entendimento que a cabala proporciona no processo de interpretação exegético



PaRDeS é formado por quatro letras hebraicas, que representam os quatro mundos e os níveis de interpretação exegética: P de Pshat (interpretação literal), R de Remez (analítico/alusivo), D de Drash (metafórica), e S de Sod, que é o secreto, oculto.

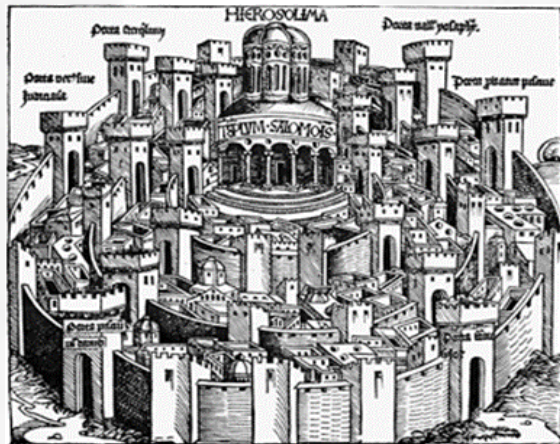


Figura 2: PaRDeS é como uma cidade medieval. Se o postulante deseja chegar ao Santo dos Santos do Templo, ele deverá primeiramente passar pelas muralhas, transpor a cidade, subir a montanha, adentrar ao Templo para, então, finalmente abrir os véus que separam o Santo dos Santos do resto do santuário

Pshat, o primeiro nível de entendimento, é o nível literal, relacionado ao elemento Terra e ao mundo material e dual. É o universo onde todos leitores estão acostumados, mais simples e direto, que compreende o sentido literal do texto. Aqui é o ponto daquele que não questiona e aceita tudo de forma incondicional, sem ir além. Aquele que adentra no pomar e não passa desse primeiro nível, acaba por não mais poder distinguir entre a realidade literal e os outros níveis seguintes, analítico, metafórico e secreto, de maneira que deixa de ser funcional.

Remez, o segundo nível de entendimento, é o nível alegórico, relacionado ao elemento Ar e ao mundo do pensar, relacionar e raciocinar as ideias. Remez é onde o literal adquire mais uma camada, compreendendo a ciência e a explicação por trás da literalidade; suas entrelinhas. Aqui entra o sentido metafórico, onde o objeto e sua casca já não é mais o objetivo, mas sim, o que ele revela num sentido mais abstrato. Começamos a compreender que nem sempre uma arca é uma arca e que o esquadro e o compasso vão além de ferramentas de traçar retas e curvas.

Drash, o terceiro nível de entendimento, é o nível metafórico, relacionado ao elemento Água e a mente subconsciente. Aqui preserva-se a interpretação literal, onde o objeto revela um ensinamento moral ou filosófico que está encapsulado. O terceiro nível de entendimento visa desbastar o objeto para fazer vir o seu sentido oculto que será revelado em Sod. É em Drash que o iniciado vai em busca de conhecimentos complementares, pesquisas e investigações para decompor o objeto de estudo e analisar sugestivamente sua mensagem, revelando assim, uma nova luz sobre seu objeto de pesquisa. Aqui aprendemos a conectar estas metáforas a nossa vida prática. Drash é o nível onde se trabalha em cima das dramatizações iniciáticas e em nossos rituais.



Sod, o quarto e último nível de entendimento, é o nível místico, relacionado ao elemento Fogo e ao entendimento de elevação espiritual, a lucidez extrema e a mente superconsciente. É pelo entendimento do porquê das coisas, que o grande mistério ou segredo é revelado. Neste nível, todos os símbolos, fábulas, lendas, dramatizações revelam um significado mais completo no qual pode e deve ser aproveitado em nosso cotidiano e levado para nossas vidas. Aqui é onde a transmutação é atingida, mas somente depois de compreender os três níveis anteriores.

Transitar por este pomar de interpretações e entendimentos não é um processo fácil, pois a interpretação simbólica depende de onde queremos chegar e no quanto queremos nos aprofundar. Cada nível de conhecimento é revelado para quem está preparado para recebê-lo. Entretanto, é necessário saber adentrar ao pomar e dele voltar, fato que muitas vezes é esquecido, tornando-se um caminho perigoso para os mais desatentos. Cada um tem seu próprio cultivo e sua própria capacidade de trazê-lo ou não da colheita para o mundo.

Sábio é aquele que adentra, colhe os frutos corretos e volta ao mundo real, harmonizando sua vida e colocando em prática toda doçura e alimento que o fruto pode proporcionar, utilizando de suas sementes para produzir novos pomares, ajudando, assim, outros a saborear esse pomo de descoberta, aprendizado e evolução.





A Quadratura do Círculo: ***Reflexões sobre uma construção interna***

Emanuel Tadeu Coutinho Machado

A quadratura do círculo é um problema clássico da geometria antiga, a qual transcende os limites da matemática pura e vai adentrar as fronteiras do simbolismo e da especulação filosófica. Para a tradição maçônica, este problema vem se apresentar como uma profunda metáfora iniciática, que se relaciona à busca pela perfeição moral, pela integração dos opostos (espírito e matéria) e pela reconciliação entre o mundo sensível (material) e o inteligível (espiritual).

Desde a Grécia antiga, o problema parece, a primeira vista, se referir ao campo dos compêndios matemáticos. Mas os gregos, seduzidos pela harmonia dos números, buscavam decifrar o “Kosmos” por meio da régua e do compasso. Anaxágoras (séc. V a.C.) foi um dos primeiros a especular sobre a construção de um quadrado de área igual à de um círculo dado, mas coube a Hipócrates de Quios o mérito de considerar as figuras em forma de meia lua (lunulae) como aproximações parciais desse intento. Séculos depois, Arquimedes de Siracusa aprimorou um método semelhante ao inscrever e circunscrever polígonos de 96 lados, estreitando a razão entre perímetro poligonal e circunferencial e aproximando, ainda que nunca capturando, o enigmático número π .

Diga-se de passagem que a tradição filosófica clássica e helenística fornece o pano de fundo que legitima o uso simbólico das formas. Para Platão, no Timeu e Crítias ou “Da Atlântida” os quatro sólidos regulares compõem o corpo do mundo, enquanto a esfera celeste, figura perfeita, envolve-os, sendo que a meta do demiurgo (o transformador) é harmonizar ambos. Aristóteles, em sua Metafísica investiga as causas formais, postulando que a forma (eîdos) dá inteligibilidade à matéria, e da mesma forma, o quadrado dá inteligibilidade ao círculo, mesmo sem coincidir integralmente com ele. Por fim os Estoicos, por intermédio da doutrina do Logos Spermatikós, consideram o Logos um princípio racional imanente que permeia a natureza, e onde a circunferência infinita do Logos se quadrifica nas leis naturais que regulam os quatro elementos.

Assim, verifica-se que “a forma é portadora de sentido”. Quando o Iniciado inscreve o quadrado no círculo, ou vice-versa, ele recria o gesto platônico do demiurgo, participa do dinamismo aristotélico das causas formais e confirma, com os estoicos, que a razão cósmica encontra ressonância na razão humana.



O fascínio pela quadratura do círculo atravessou a época medieval e o renascimento com figuras como Boécio, Nicolau de Oresme e Luca Pacioli investigando o mistério. Kepler encontrou no problema uma metáfora da estrutura celestial. Já Descartes e Newton legaram, cada qual, refinamentos ao cálculo poligonal. A solução definitiva da impossibilidade, entretanto, chegou somente em 1882, quando Ferdinand von Lindemann provou a transcendência de π , demonstrando que nenhum número algébrico e, por consequência, nenhuma construção clássica, pode gerar exatamente a área desejada. Desvenda-se, assim, um paradoxo, já que aquilo que a razão pretendeu dominar revela-se radicalmente transcendente, sugerindo que a última palavra não pertence à geometria, mas à metafísica.

Para a tradição maçônica, e para outras artes, como Hermetismo e a Alquimia, ela vem desvelar o horizonte do raciocínio demonstrativo, erigindo-se em um arquétipo simbólico da realização espiritual. A impossibilidade geométrica de fazer coincidir, por régua e compasso, a área do círculo com um quadrado converte-se, no plano esotérico, numa chave que abre a porta da síntese entre o finito e o infinito, entre o tempo e a eternidade, a matéria e o espírito.

Dentro de um contexto que envolve simbolismo e história, podemos afirmar que no mundo helênico a quadratura representava o esforço do intelecto racional em desvelar a ordem oculta do cosmos, sendo que na impossibilidade de atingir a exatidão, pois π se revela irracional e transcendente, intui-se a infinitude subjacente aos fenômenos.

Na Maçonaria especulativa, o círculo evoca o princípio, a unidade absoluta, enquanto o quadrado, com seus ângulos retos, figura o mundo manifesto, regido pelas leis da dualidade e da delimitação. O compasso traça a órbita espiritual, o esquadro conforma a estrutura ética do obreiro. As intersecções destas ferramentas refletem a tensão permanente entre o ilimitado e o limitante, cuja superação constitui o cerne do processo iniciático.

Se, na matemática, o círculo e o quadrado se recusam a coincidir, nos domínios herméticos essa disjunção converte-se em linguagem de símbolos. Ao longo das civilizações, a circunferência, sem início nem fim, equidistante do centro, passou a representar o Infinito, o Espírito, a Unidade primordial, e o quadrado, com quatro lados, quatro ângulos e quatro direções, encarnou o Mundo Manifesto, a Matéria, a Ordem estabelecida.

No Hermetismo Alexandrino, o círculo figura o Uno do qual emana a pluralidade e o quadrado, ao decompor a unidade em quatro, remete aos elementos (terra, água, ar, fogo) que estruturam a physis manifestada. A Cabala cristã, por sua vez, e seus diagramas, por exemplo, o quadrado místico



inscrito na Árvore das Sefirot, reposiciona a questão afirmando que alcançar a quadratura é restaurar a harmonia inicial, reunindo Kether, a coroa circular do Absoluto, às sefirot inferiores, sendo estas a base quadrangular do mundo.

O Corpus Hermeticum, ao proclamar que “assim como é em cima, é embaixo”, estabelece a lei de correspondência que autoriza o intérprete simbólico a ver, na quadratura, a reconciliação das esferas. O círculo (céu) e o quadrado (terra) demandam um axis mundi que os une. Esse eixo do mundo é o próprio Iniciado, microcosmo que espelha o macrocosmo.

Nos diálogos herméticos, o Nous (Intelecto divino) opera analogamente ao geômetra que circula em torno da Criação, dando-lhe forma, e simultaneamente “quadrificando-a”, ao outorgar-lhe limites materiais ou inteligíveis. A falha geométrica vem testemunhar a verdade eterna que reza que nenhuma construção formal apreende a totalidade do ser divino. Para isso é necessário um salto espiritual, uma transmutação interior.

No contexto alquímico a meta suprema, a Pedra Filosofal, é frequentemente descrita como quadratura do círculo. A pedra, síntese do mercúrio, sendo este volátil e do enxofre, de natureza fixa, representando a união dos contrários é citada por Nicolau de Cusa. As fases alquímicas são descritas como segue:

Nigredo: estado caótico, circular, onde tudo é potencial.

Albedo e Citrinitas: processos de clarificação e despertar que iniciam a retificação (rectificatio) das formas.

Rubedo: rubro ardor em que a matéria “se quadrifica”, adquirindo estrutura estável sem perder a centelha anímica.

O axioma solve et coagula descreve justamente a dialética círculo-quadrado, ou seja, dissolver os contornos rígidos do ego (circularizar) e recompor, num patamar superior, uma identidade integrada (quadrificar).

Gravuras alquímicas, como as do Viridarium Chymicum ilustram o casamento do Rei Vermelho e da Rainha Branca sobre uma mandorla (visca pisces) circular, enquanto quatro animais (águia, leão, touro e anjo), sustentam o trono quadrado. Trata-se aqui da integração da volatile e do fixum, da substância celeste e da substância terrestre. O próprio emblema da quintessência costuma ser descrito como um círculo no qual repousa uma cruz quadrangular, indicando que o quinto elemento nasce da reconciliação dos quatro.



No templo maçônico, o pavimento mosaico é um quadrilátero que convida o neófito a trilhar a senda da discriminação moral, sendo que sobre essa base, ergue-se a Abóbada Celeste, cúpula circular que recorda a origem comum de todas as coisas. O rito de passagem entre as Colunas J e B, que, vistas de cima, sugerem dois pontos de uma circunferência maior, ocorre sobre o pavimento mosaico quadrangular. Assim, cada passo do neófito dramatiza a travessia do espiritual ao material e sua subsequente transmutação inversa.

Enquanto o Aprendiz aprende a aprumar a pedra bruta, isto é quadrar-se, o Companheiro alarga sua circunferência de compreensão, e o Mestre descobre que a verdadeira quadratura reside na Câmara do Meio, onde o quadrado do templo se converge com o círculo da espiritualidade universal. Aqui, no coração do ritual, a Palavra Perdida simboliza π , constante e misteriosa, jamais apreendida totalmente, mas sempre aproximável por sucessivas gerações de construtores.

Os instrumentos-chave reforçam o paralelismo. O Compasso, instrumento do círculo, convida o iniciado a expandir indefinidamente sua compreensão. O Esquadro, régua do ângulo reto, adverte acerca da necessidade de modelar-se em retidão moral.

Harmonizar o círculo e o quadrado, portanto, significa traduzir o eterno no efêmero sem destruir-lhe a essência, tarefa que a matemática não pode cumprir, mas que a alquimia da consciência almeja realizar. O paradoxo geométrico torna-se, então, simbólico instruindo o buscador a superar a mera lógica dual e a pronunciar, no silêncio do templo interior, a Palavra Perdida, síntese viva de Matéria e Espírito, Finito e Infinito, Terra e Céu.

A geometria sagrada maçônica não é mera recreação intelectual. Trata-se de disciplina que ensina o maçom a internalizar proporção, equilíbrio e harmonia em cada gesto e deliberar com justeza de palavras, retidão de pensamentos e circunferência de compreensão.

Albert Pike, em *Morals and Dogma* (1871), define o compasso e o esquadro como alfabeto sagrado cujo léxico geométrico conduz, passo a passo, ao conhecimento de si e da Criação, sugerindo que “o compasso, ao descrever o infinito, torna-se imagem do espírito; o esquadro, ortogonal à matéria, é o seu complemento terrestre”. Logo, a quadratura é o ponto em que ambos fazem numa única operação, metáfora do equilíbrio perfeito entre Vontade e Ação.

Já Albert Mackey, no *Lexicon of Freemasonry* (1852), reforça que a geometria, longe de ser arte servil, é lei visível da Harmonia Divina, pois cada



figura geométrica traduz, alegoricamente, atributos do Grande Arquiteto do Universo. A tentativa de fixar o círculo em um quadrado recorda ao Iniciado que o Absoluto pode ser experimentado interiormente, mas jamais aprisionado pela razão.

O ideal do Maçom operante, aqui representado pela quadratura do círculo, que é construtor de pontes entre o visível e o invisível, encontra correlação direta nas exigências contemporâneas referentes a ética profissional, transparência, equidade e eficiência em suas atividades laborais e sociais? Estes elementos éticos e simbólicos aqui reunidos se tornam imperativos inadiáveis, ou meras especulações a serem tratadas no Templo e esquecidas após o fim dos trabalhos?

Respondemos que transpor o princípio da quadratura para a vida profana implica medir ações com o esquadro da legalidade, garantindo conformidade às normas, traçar intenções com o compasso da justa medida, assegurando empatia para com o destinatário de nossas ações, e conciliar, à semelhança do geômetra que busca igualar áreas, os interesses individuais e o bem comum.

Para aqueles que laboram no sacro ofício público, em termos pedagógicos, tais preceitos convidam a academia, tribunais, o executivo, o legislativo, secretarias de governo e organizações da sociedade civil a promover currículos que unam competência técnica e virtude cívica. Aquele que quadra o círculo administra recursos com precisão orçamentária, porém sem perder de vista a dignidade humana, a proteção ambiental e a coesão social, que são dimensões que transcendem as planilhas diárias de dados áridos.

Tal como o Ouroboros que morde a própria cauda, desenhando o círculo eterno, e como o Pedreiro Livre que assenta as pedras do templo em linhas retas, o buscador da Verdade aprende que a perfeição não é ponto estático, mas dança harmônica entre retidão e curvatura, clareza e mistério. A Quadratura do Círculo, portanto, é mais que equação impossível, é um convite perene a participar da divina geometria onde o Todo se reflete na parte e a parte se consoma no Todo.

A Quadratura do Círculo, longe de cristalizar-se em paradoxo estéril ou curiosidade de compêndio, revela-se chave simbólica e ferramenta heurística de incalculável valor para o nosso tempo. Ela lembra à alma contemporânea que o círculo do infinito, ou horizonte da transcendência, só adquire concretude quando tocado pelo esforço ético do quadrado fenomênico. O quadrado das estruturas, que tem em seus vértices as leis, as políticas, os algoritmos, e as instituições, só se conforma se inspirado pela curvatura do



espírito, fonte de sentido e de esperança. O Iniciado, figura-síntese da Tradição Maçônica, é convocado a laborar incessantemente na própria pedra bruta, convertendo-a em pilar de retidão que sustente, no mundo, o arco invisível da fraternidade humana.

Sob a luz dessa metáfora perene, cada cidadão, especialmente aquele investido de função pública, é chamado a ser arquiteto mediador entre técnica e valor, cálculo e compaixão, finitude e eternidade. Trabalhando nessa obra, o Maçom colabora para edificar, não apenas templos de pedra, mas uma sociedade luminosa, onde o ângulo reto da justiça se encontre, em paz, com a circunferência ilimitada do espírito.

000

Adendo:

Para o leitor versado em matemática, seguem reflexões acerca do rigor demonstrativo da impossibilidade de se concretizar a quadratura do círculo no mundo fenomênico.

Problema.

Construir, com régua não graduada e compasso, um quadrado que tenha a mesma área de um círculo de raio r . Isso equivale a obter, a partir do segmento-unidade, o comprimento

$$S = r \cdot \sqrt{\pi}$$

pois então $S^2 = \pi \cdot r^2$.

A demonstração divide-se em duas partes inteiramente algébricas (I e II) e numa única frase analítica (III).

I. Números construtíveis = Torre de extensões quadráticas

Tomemos $\mathbb{Q} \subset \mathbb{R}$ com o segmento-unidade como gerador.

Operações de régua-compasso se referem a intersecção de retas, retas-círculos ou círculos-círculos corresponde, em coordenadas cartesianas, a resolver sistemas lineares ou equações quadráticas. Cada novo ponto tem coordenadas que se obtêm adicionando uma única raiz quadrada a um corpo conhecido.

Seja $K_0 = \mathbb{Q}$. Depois de K passos temos

$$K_k = K_{k-1}(\sqrt{a_k}) \text{ com } a_k \in K_{k-1}$$



Cada adjunção quadrática dobra (ou mantém) o grau do corpo. Assim, qualquer elemento construtível α satisfaz

$$[Q(\alpha):Q] = 2^m (m \geq 0).$$

Conclusão parcial 1: todo comprimento obtido com régua e compasso é algébrico sobre Q e tem grau uma potência de 2.

II. Consequência para a quadratura

Partindo de um círculo de raio r , suponha que a quadratura fosse possível. Escalando (tomando $r=1$), o número

$$\sqrt{\pi}$$

seria construtível.

Pelo item I, isso implicaria que $\sqrt{\pi}$ é algébrico de grau 2^m , logo π também seria algébrico.

Conclusão parcial 2 Se a quadratura fosse exata, π teria de ser um número algébrico.

III. Fato externo à álgebra: transcendência de π

O teorema de Lindemann–Weierstrass (1882) demonstra que π é transcendental, isto é, não satisfaz equação algébrica alguma com coeficientes racionais.

IV. Conclusão.

Passos I e II (puramente algébricos) mostram que quadrar o círculo implica “ π é algébrico”.

Passo III (resultado analítico já estabelecido) afirma que “ π é transcendental”.

As duas afirmações são incompatíveis; segue-se a impossibilidade:

Não existe construção com régua e compasso que realize a quadratura do círculo.

Toda a argumentação sobre construtibilidade, graus de extensões e implicações para π usa exclusivamente teoria de corpos e álgebra de Galois. A parte não-algébrica resume-se a invocar um fato externo (a transcendência de π), indispensável para concluir.



O enunciado “ π é transcendental” não pode ser provado apenas com álgebra elementar, pois requer análise transcendental. Ainda assim, a ligação entre construções geométricas e álgebra de corpos é completamente independente de argumentos analíticos.

Situações clássicas como duplicar o cubo ou trissecar um ângulo chegam a contradições meramente algébricas. Na quadratura, a barreira final é mais alta: ultrapassa o domínio dos números algébricos.



Física Quântica e consciência de si.

Sidnei Baumann

Quando se adentra a ordem, um turbilhão de pensamentos positivos invade a mente dos que possuem nobres propósitos de evolução pessoal, pelo conhecimento que deve ser apresentado na Maçonaria. Entretanto, nem sempre serão apresentadas de modo imediato este conhecimento mais profundo, porém devem ser buscadas por cada membro, BAUMANN (2020, pag. 2) ressalta que:

“A construção e transmissão de conhecimento Maçônico, pressupõe uma íntima interrelação entre aprender, ensinar e evoluir. Os Maçons como sujeitos inicialmente passivos, agora recebem a oportunidade de serem ativos no processo, interagindo enquanto adquirem competências e habilidade inerentes à Ordem.”

Ainda, na prática notório será o baixo interesse por parte de alguns maçons em pesquisar materiais com assunto mais aprofundados, quando festividades e ágapes são o foco e prioridade. Porém Ismail (2018, p. 19) enfatiza que “a arte de estudar e aprimorar são requisitos a todos os que se dispõem a ingressar no rol dos construtores sociais” e complementa astutamente “Está implícito que a excelência do trabalho somente acontece com a arte do saber...”.

Assim, como estímulo a pensar fora do contexto cotidiano, podemos fazer analogias entre os membros da maçonaria e a física quântica, sendo um convite para um diálogo entre ciência maçônica e espiritualidade, utilizando a física quântica como interface. Não defenderemos a mecânica quântica como apenas uma “teoria para descrever a natureza a nível atômico”, mas uma prancha de traçar com experiências para os maçons para aprimorar sua espiritualidade. Que o propósito maior seja o despertar a consciência do homem maçom a partir da autoanálise: “Consciência plena de si”. A partir disso, sua evolução pessoal e dos que o circundam, possa ser uma realidade.

Um dos princípios fundamentais para a evolução pessoal é o conceito do “efeito do observador”. Já referindo-se ao meio quântico, uma partícula existe em um estado de infinitas possibilidades (superposição) até que seja observada. Esse ato de observação força a partícula a “escolher” uma posição, fenômeno conhecido como o colapso da função de onda. Então se o Maçom entender que seu “efeito observador” pode provocar efeito sobre partículas atômicas, enfatizo que ele deve ter a clareza desta abordagem textual transdisciplinar (envolvendo ciência, espiritualidade e metafísica), não ficando apenas no campo das coisas visíveis e tangíveis. Além disso ele deve compreender o realismo que sua Consciência pode promover na realidade de vida, pois o “Realismo” promovido pela Consciência tem profundas



implicações éticas e metafísicas (entenda ele ou não... e queira ele ou não!). Segundo Capra (2012), em sua obra *O Tao da Física*, o universo é uma teia inseparável de relações dinâmicas, onde o observador e o objeto observado estão intrinsecamente conectados.

Ainda o autor Joe Dispenza (2018), em “Quebrando o Hábito de Ser Você Mesmo”, sugere que nossos pensamentos e emoções emitem uma assinatura eletromagnética que interage com o campo quântico. A necessidade de evoluir surge da compreensão de que não estamos isolados; nossa frequência vibracional afeta o coletivo e retorna para nós como experiências de vida. Consequentemente quanto mais estudar, mais o Maçom vai desmistificar seus medos e libertar-se-á dos ensinamentos religiosos que o aprisionavam a vida inteira. Saliento sobre o estudo transdisciplinar que o Maçom deve realizar, pois deve perpassar pelos fundamentos que justificam a síntese da física quântica com outras áreas científicas, com a espiritualidade e com a metafísica.

Ainda, a experiência quotidiana para seu desenvolvimento espiritual, deve ter experimentos entre ciência e espiritualidade, relacionando a Teoria Quântica da Mente à prática meditativa e à psicologia da formação da personalidade. Transpondo isso para a experiência humana, Amit Goswami (2010), em “Física da Alma”, argumenta que a consciência é a base de todo o ser. Se a realidade é moldada pela observação, nossa evolução depende da qualidade da nossa atenção. Ele conclui que evoluir não é apenas um processo biológico, mas a transição de um estado de consciência reativo para um estado criativo, assim como consequência deixamos de ser vítimas das circunstâncias para nos tornarmos coautores da nossa realidade.

Para Goswami (2005, p.51) “O universo é a multiplicidade de formas e identidades da consciência e suas interações” e suas proposições podem ser organizadas em uma sucessão de teoremas ou teses, onde o primeiro deles define-se como “O realismo promovido pela Consciência...”, destaco entre seus pressupostos onde “a física quântica possui propriedades que a tornam uma ponte entre a física e a espiritualidade”; além disso é implícito para alguns e explícito para outros que “o realismo promovido pela Consciência está em concordância com as afirmações do misticismo”.

Assim, enfatizo:

“o Realismo promovido pela Consciência, como raiz do desenvolvimento pessoal, é o que permite que a transição em direção a uma civilização de compaixão e amor aconteça, na Terra, tal como é descrita nas tradições espirituais” (GOSWAMI, 2010, p. 106–7).



Provavelmente o Maçom que adentrar nestes estudos, deverá perceber com clareza o que (GOSWAMI, 2010, p. 106) identificou:

“Em certos aspectos, entre a física quântica e a espiritualidade não há contradições. Na verdade, no que se tem como mais real nas duas esferas, podem ser desenhadas semelhanças; e, em algumas afirmações, a física quântica é uma confirmação da espiritualidade.”

Notoriamente em primeiro momento pelo estudo aprofundado, alguns temas serão difíceis de entender (independente do tempo de iniciado), como “a visualização cria realidade (princípio da intenção); o tempo é cíclico; a realidade não é construída de átomos (não são partículas, são informações); na base da vida não existem separações, mas sim uniões; na natureza não existe a morte apenas a passagem para outras dimensões; todas as religiões têm a mesma mensagem” (GOSWAMI, 2010, p. 106).

Para os Maçons que desejam aplicar esses conceitos e acelerar seu processo evolutivo, creio que deve iniciar práticas fundamentadas na neurociência e na física quântica como:

Atenção Plena (Mindfulness): Se o maçom molda a realidade, treinar sua atenção é fundamental. Deve usar a meditação para silenciar o ruído mental e focar nas possibilidades que deseja colapsar em sua vida.

Coerência Cardíaca e Emocional: Pois cultivar emoções elevadas (amor, gratidão, compaixão) antes mesmo da conquista material, sintonizará sua biologia com a frequência do seu objetivo.

Visualização Criativa: Dedicar 10 a 30 minutos, diários para visualizar sua "melhor versão" futura. Ao sentir a emoção do evento como se ele já estivesse ocorrendo, você envia um sinal ao campo quântico. Como afirma Gregg Braden (2009), o universo responde à linguagem do sentimento.

Estudo Contínuo e Questionamento: Sua evolução maçônica e pessoal, exigem quebra de paradigmas. Questione suas crenças limitantes sobre o que é "possível" e busque conhecimentos que expandam sua visão de mundo. O seu “Ritual” é apenas uma ferramenta entre milhares que existem para sua evolução, não seja limitado... expanda!

Saliento que conhecimentos de Física Quântica pelos maçons, fornecerá caminhos de libertação pela mudança de atitude, pois à medida que se aceita um novo realismo promovido pela Consciência, deixa de haver separação na relação entre o observador e o que é observado. Trata-se, portanto, de uma mudança de atitude na vida, e, por consequência, um impacto na vida cotidiana.



Conclusão

O estudo da Física Quântica pode ser uma ferramenta evolutiva para o Maçom que “deseja ver a verdadeira Luz”, sendo estímulo a mudanças práticas na vida cotidiana. Aprimorar sua vida espiritual através da prática de oração (não é rezar frases decoradas), e a prática da meditação, tem um valor muito mais elevado do que as práticas pontuais de uma consciência de si rudimentar, que se limitam a ter como base as observações feitas no dia a dia. Entretanto é necessária prática espiritual que envolva cultivar a Consciência de si, reduzindo os hábitos automáticos alimentados por desejos e aversões. Deve-se fazer as coisas por um sentido maior, através da Consciência, e não para atender a demandas internas de prazer e dor. Tenha em mente que sua nova atitude em direção à evolução é possível, com base na Consciência de Si.

Para Honra e Glória do G.: A.: D.: U.:.

Referências bibliográficas

BAUMANN, Sidnei. MAÇONARIA: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO. Editora CMSB Brasília – DF, 2020.

BRADEN, Gregg. A MATRIZ DIVINA: Uma jornada através do tempo, do espaço, dos milagres e da fé. Rio de Janeiro: Cultrix, 2009.

DISPENZA, Joe. QUEBRANDO O HÁBITO DE SER VOCÊ MESMO: Como desconstruir sua mente e criar uma nova. São Paulo: Citadel, 2018.

GOSWAMI, Amit. A FÍSICA DA ALMA. tradução Marcello Borges. — São Paulo: Aleph, 2005. — (Série novo pensamento).

GOSWAMI, Amit. A FÍSICA DA ALMA: A explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e a experiência de quase morte. São Paulo: Aleph, 2010.

ISMAIL, Kenno. O LIVRO DO VENERÁVEL MESTRE. 1ªed. Londrina: Ed. Maçônica A Trolha, 2018.



Da religião ao mito

Renato Barros

Desde os primórdios da história humana, quando o ser humano se torna consciente e começa a se questionar, surge a primeira indagação: de onde viemos, para onde vamos e qual a nossa missão na Terra? É nesse momento que o pensamento humano começa a especular, a buscar explicações para tudo.

Ao longo do tempo, antropólogos, cientistas e religiosos estudaram a história da religião humana, ou seja, a que o próprio ser humano criou, transformando suas experiências e observações em prática e crença. Partindo das tradições mais antigas, como por exemplo: xamanismo e o animismo, o homem criou religiões estruturadas, com maior complexidade, alegorias e símbolos que buscavam dar sentido ao mundo.

O que chamamos hoje de mitologia, como a grega, e nórdica ou a egípcia, já foi, há muito tempo atrás, uma religião com grande estrutura e influência. Podemos pensar, por exemplo, na Mesopotâmia, com seus zigurates majestosos, centros de poder espiritual. A partir desse contexto, vemos que a religião não é imutável e estática: ela se transmuta e começa a se tornar complexas narrativas.

Na Grécia Antiga, histórias como a de Édipo e a Esfinge possuem inúmeras versões. Cada narrativa oferece uma perspectiva diferente sobre sua jornada, sobre encontros e desafios, refletindo os mais diversos sentidos que a religião pode assumir.

Em uma cerne um pouco mais distinta temos a tradição nórdica: Odin, Thor e Loki entre outros deuses ganham várias faces, atributos e papéis ao longo do tempo.

Com as mudanças do tempo, guerras e deslocamentos culturais, a forma de pensar do ser humano também se sobreviver apenas como uma narrativa, como símbolo ou como mito. O que nos parece definitivo e imutável hoje no presente como dogmas, rituais, textos sagrados pode, ao longo dos séculos, ser reinterpretado, perdido ou preservado de forma diferente, dependendo do movimento cultural da época. Assim, a história humana nos mostra que religião e mito estão de alguma forma ligados: o mito é a memória viva da religião, a forma como ela resiste, se adapta e se ressignifica quando confrontada com o tempo e com a mudança.



Portanto, ao refletirmos sobre as religiões antigas e sobre as crenças que moldam nossa contemporaneidade, percebemos que toda fé carrega, em si, um potencial mítico, e que entender essa transformação é compreender a própria trajetória humana, a nossa busca eterna por sentido, explicação e conexão com o mundo e com o transcendente.



A Maçonaria e o Ecumenismo

Luciano Armando Vilete

1. A Definição de Religião

A religião é um fenômeno complexo e multifacetado que atravessa as sociedades humanas desde a antiguidade. Pode ser compreendida como um conjunto estruturado de crenças, ritos, normas morais e códigos de conduta que organizam a relação do ser humano com o sagrado. Essa estruturação se manifesta por meio de instituições religiosas, textos sagrados, dogmas e uma comunidade de fiéis que partilham de uma mesma visão do mundo.

Do ponto de vista antropológico, a religião cumpre a função de fornecer sentido existencial à vida, atuando como uma lente através da qual o ser humano interpreta o sofrimento, a morte, a moral e a esperança. Clifford Geertz, por exemplo, definiu a religião como um sistema de símbolos que age para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras motivações nos seres humanos. Essa definição destaca o aspecto cultural e interpretativo do fenômeno religioso.

Sociologicamente, pensadores como Émile Durkheim e Max Weber ofereceram análises importantes. Durkheim via a religião como um reflexo das estruturas sociais e como um fator de coesão. Já Weber investigou como determinadas crenças religiosas moldaram a ética econômica e social, como no caso do protestantismo e o espírito do capitalismo. A religião, nesse sentido, influencia diretamente a organização e os valores de uma sociedade.

No campo da filosofia da religião, autores como Paul Tillich abordam a religião como uma “preocupação última” — aquilo que é de valor absoluto para o ser humano. Tillich propõe que todas as religiões são respostas simbólicas à condição humana diante do mistério da existência. Essa abordagem permite incluir tradições religiosas não teístas, como o budismo e o confucionismo, dentro do conceito de religião.

É importante, por fim, compreender que a religião não é um conceito estático, e sim dinâmico, atravessando processos de transformação cultural e adaptação histórica. As religiões se reformulam, dialogam entre si e com as ciências humanas, o que abre espaço para abordagens como o ecumenismo e o pluralismo religioso — temas centrais na articulação da Maçonaria com o mundo religioso.



2. A Definição de Maçonaria

A Maçonaria é uma instituição iniciática, filosófica e filantrópica, estruturada em graus e rituais simbólicos, cuja origem moderna remonta à fundação da Grande Loja de Londres, em 1717. Sua proposta essencial é a de promover o aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual dos seus membros. Para tanto, adota como método pedagógico o uso de símbolos, alegorias e ritos inspirados na tradição dos antigos construtores de catedrais.

Não se trata de uma religião, tampouco substitui o papel das religiões institucionais. No entanto, exige de seus membros a crença em um princípio criador, o chamado “Grande Arquiteto do Universo”, o que possibilita a inclusão de fiéis de diferentes tradições religiosas. Ao adotar essa concepção ampla do divino, a Maçonaria oferece um ambiente ecumênico e de tolerância religiosa, evitando dogmas e imposições teológicas.

Os princípios fundamentais da Maçonaria incluem a liberdade de pensamento, a igualdade entre os homens e a fraternidade universal. Em sua ética, promove valores como justiça, beneficência, trabalho e solidariedade. O maçom é incentivado a buscar a verdade, a desenvolver virtudes e a contribuir para a melhoria da sociedade. A instituição também é conhecida por suas obras de caridade e atuação em prol da educação e da cidadania.

Historicamente, a Maçonaria influenciou fortemente o Iluminismo e os movimentos liberais e republicanos. Muitos pensadores e líderes políticos foram maçons, contribuindo para a separação entre Igreja e Estado, a liberdade religiosa e a democratização do ensino. Essa atuação política e filosófica fez com que a instituição fosse, por vezes, combatida por setores conservadores religiosos.

Na contemporaneidade, a Maçonaria continua a ser objeto de curiosidade, controvérsia e respeito. Seu compromisso com a espiritualidade livre, com a construção de pontes entre culturas e com a defesa da dignidade humana a coloca em um lugar singular no debate sobre o ecumenismo e a convivência inter-religiosa.

3. A Relação da Maçonaria com as Religiões Orientais

A Maçonaria, ao não professar uma fé específica, mas valorizar a espiritualidade e a busca pela verdade, estabelece um diálogo profundo com diversas religiões orientais. Em vez de exclusivismo dogmático, a Ordem adota um princípio de universalidade, o que favorece a aproximação com tradições religiosas que também valorizam o autoconhecimento, a disciplina moral e a busca pelo sagrado de forma simbólica.



A aproximação da Maçonaria com o Oriente não é apenas simbólica, mas também filosófica. Muitas das ideias presentes no corpus ritualístico maçônico remetem a noções que são também encontradas no Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. O Oriente é visto como fonte de sabedoria ancestral, e suas religiões são respeitadas como caminhos legítimos para o sagrado. A Maçonaria, portanto, não se limita ao referencial judaico-cristão, embora este tenha forte presença na tradição ocidental.

A espiritualidade oriental valoriza a introspecção, o silêncio, a meditação e a transcendência do ego. Esses elementos são também centrais na pedagogia maçônica, que trabalha com o simbolismo do Templo Interior — a edificação do ser humano como obra moral e espiritual. Desse modo, há convergência de propósitos entre a ética maçônica e os ensinamentos dessas tradições.

Além disso, a valorização do símbolo e do rito nas religiões orientais encontra correspondência com a estrutura ritualística maçônica. O uso de mandalas, mantras, gestos e textos sagrados nas religiões do Oriente é similar ao uso simbólico de ferramentas, gestos e palavras sagradas na Maçonaria. Ambos os sistemas reconhecem que o sagrado se revela não apenas pelo intelecto, mas por meio da experiência ritual.

A Maçonaria, portanto, não busca incorporar dogmas dessas tradições, mas reconhece nelas expressões legítimas da espiritualidade humana. Essa abertura à alteridade religiosa faz parte do ideal ecumênico da instituição, que não impõe uniformidade de crença, mas propõe a fraternidade entre diferentes formas de religiosidade.

3.1 Budismo

O Budismo é uma tradição espiritual fundada por Siddhartha Gautama no século VI a.C., e caracteriza-se por sua abordagem filosófica e ética da existência. Não gira em torno da adoração de um deus criador, mas sim da superação do sofrimento por meio do despertar da consciência. O caminho proposto pelo Buda inclui práticas como a meditação, a atenção plena e a conduta ética.

A Maçonaria valoriza profundamente o esforço individual pelo aperfeiçoamento espiritual, o que a aproxima do ideal budista. O conceito maçônico de “luz”, entendido como conhecimento e sabedoria, ressoa com a ideia de iluminação (bodhi) no Budismo. Ambos valorizam o silêncio interior, a reflexão e a superação da ignorância como chaves para a liberdade.



Além disso, o Budismo e a Maçonaria compartilham a ênfase no simbolismo. O uso de símbolos como a flor de lótus, a roda do Dharma e os mudras no Budismo encontra paralelo na Maçonaria com os seus instrumentos simbólicos e alegorias rituais. Essa linguagem simbólica permite comunicar verdades universais de forma não dogmática, facilitando o acesso ao sagrado por diferentes culturas.

Outro ponto de convergência está na ética. O budista segue os preceitos de não matar, não roubar, não mentir, entre outros — preceitos também próximos aos valores maçônicos de retidão moral. Ambos ensinam que a verdadeira liberdade não é a ausência de limites, mas o domínio de si mesmo e a prática constante da virtude.

Por fim, cabe destacar que existem budistas iniciados na Maçonaria em diversos países, como o Japão e o Sri Lanka, onde a Ordem opera de forma discreta e respeitosa. Isso demonstra a viabilidade da convivência entre os princípios budistas e os valores maçônicos, dentro de uma proposta pluralista e respeitosa da espiritualidade humana.

3.2 Hinduísmo

O Hinduísmo, uma das mais antigas religiões do mundo, é marcado por uma grande diversidade de crenças e práticas. Baseia-se nos Vedas, Upanishads e outros textos sagrados, e propõe a existência de um princípio divino universal (Brahman), acessível por múltiplas manifestações de deuses e deusas. Essa diversidade interna torna o Hinduísmo particularmente compatível com o espírito tolerante da Maçonaria.

Na Maçonaria, o conceito do Grande Arquiteto do Universo permite que cada membro interprete essa divindade segundo sua tradição. Assim, um hindu pode ver no Grande Arquiteto uma analogia ao Brahman, ao mesmo tempo em que outros veem nele Jeová, Alá ou outros nomes sagrados. A ausência de dogma na Maçonaria facilita essa convivência religiosa.

O simbolismo do Hinduísmo, com suas mandalas, yantras e os conceitos de ciclo (samsara) e libertação (moksha), também encontra eco nos ritos maçônicos, que tratam da morte simbólica e do renascimento espiritual. A jornada do iniciado pode ser comparada à busca do iogue pela união com o divino, passando por estágios de purificação e autoconhecimento.

A ênfase no karma, ou na lei de causa e efeito, está em consonância com o princípio maçônico de que o homem colhe o que semeia, e que suas ações devem ser pautadas por justiça e compaixão. A Maçonaria ensina a responsabilidade ética como caminho para o progresso individual e coletivo.



Além disso, a tolerância hindu diante da pluralidade de crenças é semelhante à visão maçônica de que há diversas formas legítimas de acessar a Verdade. A Maçonaria vê no Hinduísmo uma riqueza espiritual que pode contribuir para o diálogo inter-religioso e a construção de um mundo mais fraterno.

3.3 Confucionismo

O Confucionismo não é uma religião no sentido ocidental do termo, mas sim um sistema ético-filosófico fundado por Confúcio (Kong Fuzi) na China do século VI a.C. Baseia-se na moralidade, na justiça, na ordem social e no respeito aos antepassados. Seu foco está no comportamento virtuoso e na harmonia da sociedade.

A Maçonaria encontra no Confucionismo uma afinidade de propósitos, especialmente na valorização da educação moral, da retidão e do cultivo das virtudes. O conceito de ren (benevolência) e li (propriedade, ritos) são compatíveis com os princípios maçônicos de fraternidade e respeito ao rito simbólico.

O respeito hierárquico e a reverência aos antigos, muito presentes no Confucionismo, também estão na base da tradição maçônica, que valoriza os “antigos landmarks” (marcos) e a sabedoria dos mestres. O iniciado aprende a respeitar os graus, os irmãos mais experientes e os ritos como fontes de sabedoria.

Ainda que o Confucionismo não fale em um deus pessoal, ele sustenta uma ordem moral universal, semelhante ao “Ordo ab Chao” (ordem a partir do caos) maçônico. Ambos reconhecem que o mundo só pode ser justo se os indivíduos forem éticos e disciplinados. O caminho para a paz social passa, necessariamente, pela melhoria do caráter de cada um.

A aproximação entre Maçonaria e Confucionismo pode ser vista como um diálogo entre o Ocidente iniciático e o Oriente ético, ambos comprometidos com o aprimoramento da condição humana. Essa relação reforça a dimensão ecumênica e plural da Maçonaria, que não se prende a definições teológicas, mas busca a verdade moral e universal.

4. A Relação da Maçonaria com as Religiões Ocidentais

A Maçonaria, ao longo de sua história moderna, interagiu com as grandes religiões monoteístas do Ocidente: o Islamismo, o Judaísmo e o Cristianismo (Catolicismo e Protestantismo). A relação com essas religiões



oscilou entre colaboração, desconfiança e antagonismo, dependendo do contexto histórico e geográfico. Essas dinâmicas revelam o quanto a proposta maçônica de liberdade religiosa, tolerância e livre-pensamento pode ser vista com simpatia ou repulsa por tradições teológicas que afirmam verdades absolutas.

Ao contrário das religiões reveladas, a Maçonaria não impõe dogmas nem estabelece uma doutrina salvífica. Isso a torna, para alguns religiosos, uma ameaça à integridade da fé. Por outro lado, há setores religiosos que reconhecem na Maçonaria um espaço para o exercício da espiritualidade ética, da caridade e da fraternidade entre homens de diferentes credos. Assim, a postura das religiões ocidentais frente à Maçonaria é heterogênea e muitas vezes contraditória.

Em vários países, especialmente na Europa e nas Américas, houve momentos de colaboração entre líderes religiosos e maçons em prol de causas comuns, como a luta pela liberdade, a promoção da educação e a defesa da dignidade humana. Contudo, a convivência entre as duas esferas — a iniciática e a religiosa — sempre exigiu prudência, clareza de limites e respeito mútuo. A história mostra tanto momentos de acolhimento quanto de excomunhão, perseguição ou proibição.

O discurso maçônico sobre o “Grande Arquiteto do Universo” é propositalmente amplo, para incluir diversas concepções do divino. Isso é visto com bons olhos por correntes teológicas mais liberais, mas com severas críticas por setores mais ortodoxos, que veem nisso uma forma de relativismo ou sincretismo. Assim, o diálogo inter-religioso proposto pela Maçonaria desafia o exclusivismo teológico característico das religiões ocidentais.

Ainda assim, a Maçonaria permanece como uma das poucas instituições que reúne pessoas de diferentes fés sob os mesmos ideais de fraternidade, trabalho moral e busca da verdade. Sua capacidade de dialogar com o pluralismo religioso é uma de suas maiores contribuições ao mundo contemporâneo, especialmente num cenário global marcado por fundamentalismos e intolerância.

4.1 Islamismo

A relação entre o Islamismo e a Maçonaria é bastante ambígua e, em muitos casos, conflituosa. Em países de maioria muçulmana, especialmente os mais conservadores, a Maçonaria é frequentemente associada a teorias conspiratórias, ao sionismo ou ao colonialismo ocidental. Algumas lideranças islâmicas emitem fatwas proibindo seus seguidores de ingressarem na Ordem, considerando-a contrária à fé islâmica e uma ameaça à unidade da ummah



(comunidade muçulmana).

No entanto, a essência espiritual do Islã — que professa a unicidade de Deus (Tawhid), a busca por justiça e a importância da ética — poderia ser perfeitamente compatível com os valores maçônicos. O conceito de Alá como arquiteto da criação é próximo ao da ideia do “Grande Arquiteto do Universo”, e os cinco pilares do Islã (fé, oração, caridade, jejum e peregrinação) expressam uma disciplina moral e espiritual respeitada pela Maçonaria.

Historicamente, a Maçonaria teve presença ativa em países muçulmanos como o Egito, o Líbano e a Turquia. Figuras influentes do mundo árabe e otomano foram maçons e utilizaram a Ordem como espaço de debate sobre modernização, secularismo e reformas sociais. Lojas maçônicas funcionaram como centros de resistência contra o colonialismo, promovendo educação e cidadania, o que contradiz a imagem conspiratória promovida por regimes autoritários ou extremistas.

O problema não está tanto na doutrina islâmica, mas na politização da religião. Regimes teocráticos ou nacionalistas veem na Maçonaria uma estrutura autônoma que escapa ao controle do Estado ou da hierarquia religiosa. Assim, o conflito se dá mais por questões de poder e controle do que por incompatibilidades essenciais entre os princípios islâmicos e maçônicos.

Apesar das tensões, há muçulmanos maçons em países laicos e democráticos, especialmente na Europa e em comunidades islâmicas moderadas. Essa presença discreta e respeitosa é um exemplo da possibilidade de convivência entre fé islâmica e participação maçônica, desde que haja liberdade religiosa e entendimento mútuo.

4.2 Judaísmo

A relação entre a Maçonaria e o Judaísmo é, em geral, mais amigável e colaborativa. O Judaísmo compartilha com a Maçonaria uma profunda valorização da simbologia, do estudo, da ética e da espiritualidade disciplinada. Os textos sagrados judaicos, como o Talmude e a Cabala, influenciaram fortemente o pensamento esotérico ocidental, incluindo parte da simbologia maçônica.

Historicamente, a Maçonaria ofereceu acolhimento a judeus em contextos onde o antissemitismo era institucionalizado. Em diversos países da Europa, no século XIX, os judeus foram marginalizados da vida pública, e a filiação maçônica lhes permitiu integrar redes de sociabilidade, participar do debate político e lutar por direitos civis. Isso contribuiu para que muitos intelectuais judeus se tornassem maçons influentes.



Além disso, a ideia do “Grande Arquiteto do Universo” é compatível com a teologia judaica, que reconhece Deus como criador e ordenador do cosmos. A ênfase maçônica na retidão, na verdade e na justiça também encontra eco nas tradições éticas judaicas, como o conceito de tzedakah (caridade) e de tikun olam (reparação do mundo).

Contudo, há divergências internas. O Judaísmo ortodoxo costuma ver com reservas a participação em organizações que incluem práticas esotéricas ou juramentos secretos, enquanto o Judaísmo reformista e liberal tende a permitir essa participação, desde que os rituais maçônicos não contradigam os princípios básicos da fé judaica.

Portanto, a convivência entre Judaísmo e Maçonaria é um exemplo positivo de diálogo religioso. A abertura da Maçonaria à diversidade e sua postura laica criam um espaço fértil para que judeus possam expressar sua fé e, ao mesmo tempo, colaborar na construção de uma fraternidade universal.

4.3 Catolicismo

A relação entre o Catolicismo e a Maçonaria é a mais tensa entre todas as religiões ocidentais. Desde 1738, com a bula *In eminenti apostolatus specula* do Papa Clemente XII, a Igreja Católica condena formalmente a Maçonaria. Essa condenação foi reiterada por diversos papas, como Leão XIII (*Humanum Genus*) e Pio IX. O motivo principal é teológico: a Maçonaria aceita múltiplas visões de Deus, enquanto a Igreja afirma a exclusividade de Cristo como revelação plena da verdade.

Além do relativismo teológico, a Maçonaria é acusada pela Igreja de promover um racionalismo que exclui a fé revelada, de praticar rituais secretos que não são compatíveis com a luz do Evangelho e de exercer influência política contrária aos interesses católicos. Durante o século XIX, a Maçonaria esteve envolvida em movimentos que promoviam o Estado laico, a secularização e a limitação do poder clerical — o que agravou a tensão com a Igreja.

O Código de Direito Canônico de 1917 previa excomunhão automática para maçons. Embora o novo código de 1983 tenha omitido essa referência direta, a Congregação para a Doutrina da Fé reafirmou que a incompatibilidade entre a fé católica e a Maçonaria permanece, e que os católicos que se tornam maçons cometem pecado grave. Essa instrução foi assinada pelo então Cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa Bento XVI.

Apesar disso, há correntes dentro da Igreja que propõem um diálogo



renovado com a Maçonaria. Especialmente após o Concílio Vaticano II, setores progressistas defendem uma reavaliação da postura oficial, com base na liberdade de consciência e na promoção do ecumenismo. No entanto, a posição oficial do Vaticano continua sendo de condenação.

Na prática, há católicos que frequentam lojas maçônicas, especialmente em contextos onde a disciplina eclesiástica não é rigidamente aplicada. Essa convivência ambígua evidencia a complexidade do tema e os desafios do diálogo entre a tradição dogmática e o pensamento iniciático.

4.4 Protestantismo

O Protestantismo possui uma relação complexa e fragmentada com a Maçonaria, refletindo sua própria diversidade interna. Denominações reformadas históricas, como presbiterianos, metodistas e episcopais, geralmente não impõem restrições severas à participação maçônica. Já correntes mais conservadoras e pentecostais frequentemente a condenam, associando-a a práticas esotéricas ou a uma suposta oposição à fé bíblica.

No século XIX, muitos líderes protestantes eram também maçons. Isso foi particularmente comum entre presbiterianos e batistas históricos, que viam na Maçonaria um ambiente de moralidade, disciplina e engajamento cívico. A defesa da liberdade religiosa e da laicidade do Estado, por exemplo, era um ponto de convergência entre essas igrejas e a Maçonaria em contextos de opressão clerical.

No entanto, no século XX, com o surgimento do fundamentalismo protestante, a Maçonaria passou a ser vista com crescente suspeita. Grupos evangélicos criticam os juramentos secretos, o uso de símbolos que não fazem referência a Cristo e a ideia de que todas as religiões podem conduzir ao mesmo Deus. Tais práticas são consideradas uma forma de idolatria ou sincretismo inaceitável.

A Convenção Batista do Sul (SBC), por exemplo, emitiu pareceres afirmando que, embora a Maçonaria não seja explicitamente anticristã, sua filosofia é incompatível com a centralidade de Jesus Cristo. Outros grupos mais moderados consideram que a Maçonaria pode ser frequentada por protestantes desde que os ritos não entrem em conflito com sua fé pessoal.

Ainda assim, o fato é que há um número significativo de protestantes — inclusive pastores — que são maçons ativos, sobretudo em países como os Estados Unidos e o Brasil. A liberdade de consciência, princípio essencial do protestantismo, permite que muitos decidam livremente participar da Maçonaria, conciliando ambas as dimensões da vida espiritual.



5. Conclusão

A Maçonaria se destaca na história da espiritualidade e da cultura ocidental como uma instituição que promove o diálogo, o respeito e a valorização da diversidade religiosa. Sua postura não dogmática, aliada à exigência de uma crença num princípio criador, permite a inclusão de pessoas das mais variadas tradições religiosas, desde que compartilhem os ideais éticos da liberdade, igualdade e fraternidade.

No relacionamento com as religiões orientais — Budismo, Hinduísmo e Confucionismo — a Maçonaria encontra terreno fértil para o diálogo simbólico e filosófico. Essas tradições, embora muito distintas entre si, compartilham com a Maçonaria a ênfase no autoconhecimento, na meditação, na disciplina ética e no uso de rituais como caminhos de transformação espiritual. A abertura da Maçonaria à pluralidade e ao simbolismo facilita essa aproximação.

Já no diálogo com as religiões ocidentais, especialmente o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo, a relação é mais tensa e ambígua. Enquanto alguns setores religiosos acolhem a Maçonaria como um espaço ético e humanista, outros a rejeitam por considerá-la relativista, esotérica ou politicamente subversiva. A Igreja Católica mantém até hoje uma posição oficial de condenação, enquanto o Protestantismo apresenta posturas variadas, que vão da rejeição à plena convivência.

O ecumenismo proposto pela Maçonaria não é institucional, mas ético e simbólico. Não busca unificar doutrinas, mas construir pontes de fraternidade entre pessoas de fé, por meio do respeito mútuo e do reconhecimento da dignidade humana. Nesse sentido, ela representa uma das mais antigas expressões de espiritualidade inclusiva e de convivência pacífica entre diferentes credos.

Diante de um mundo cada vez mais fragmentado e polarizado, a proposta maçônica continua atual e necessária. Seu esforço por promover o bem, a verdade e a justiça, independentemente de fronteiras religiosas ou ideológicas, a torna uma aliada potencial dos projetos que buscam a paz, o diálogo e a cooperação entre os povos. Por isso, sua relação com o ecumenismo não é apenas possível, mas essencial para um futuro mais fraterno.



6. Bibliografia (Revisada e Expandida)

Ferrer-Benimeli, J. A. (2015). Freemasonry: Invention and Tradition. Academia.edu.

Souza, F. R. (2023). The Issue of the Sacred in Freemasonry: Intolerance, Controversies and Approaches. REHMLAC+. Scielo

Brito, A. S. (2010). Fermento da Massa: Ecumenismo em Tempos de Ditadura Militar. Dissertação (UFRRJ).

Liagre, G. (2014). Protestantism and Freemasonry. In Handbook of Freemasonry.

Zeferino, J. (2024). Estudos críticos sobre o Protestantismo nas Ciências da Religião. Revista Cultura Teológica.

Teles, E. D. (2023). Diversidade Religiosa e Democracia: Roger Trigg e o Pluralismo Religioso. UNIOESTE.

Nascimento, J. R. B. (2018). Ensino Religioso e Pluralidade Espiritual. UNICAP.

Silva, E. C. A. (2023). Pluralismo Religioso entre Jovens Católicos. UFPI.

Souza, J. P. (2015). Ensino Religioso: Superando a Catequese a partir das Ciências das Religiões. FUV.

Gaarder, J.; Hellern, V.; Notaker, H. (2005). O Livro das Religiões. Companhia das Letras.

Zilles, U. (2012). Religiões: Crenças e Crendices. Vozes.





A vaidade na Maçonaria

Renato Barros

Até onde podemos, de fato, nos considerar os melhores naquilo que fazemos? Essa pergunta, por vezes desconfortável, exige de nós uma resposta que transcende o automatismo do “não devemos”. É um convite à reflexão. Não se trata de negar nossas conquistas, mas de reconhecer que muito ainda há na jornada - e que sempre há novos degraus a subir, novas pedras a lapidar, novos reflexos a interpretar.

Na serne maçônica, frequentemente nos deparamos com simples manifestações (ou nem tanto) de vaidade. Elas nos aparecem mascaradas por títulos, honrarias, graus ou por certa presunção de conhecimento. A elevação de graus deveria ser, por excelência, um processo de aprofundamento interior e não uma vitrine de exposição à vaidade.

Títulos como o de Mestre Maçom - que, no entanto, deveria representar responsabilidade, firmeza de caráter e serviço contínuo - não podem, nem devem, ser usados como pedestal da vaidosa superioridade. O verdadeiro Mestre sabe que o poder está na condução, e não na ostentação. O respeito não se impõe: se cultiva com singelas atitudes.

A humildade, aliás, é pedra fundamental desde o instante em que o neófito, de olhos vendados, inicia sua jornada na Pedra Bruta. É nesse momento que se planta a semente da verdadeira transformação. Valores como honestidade, retidão, compromisso e respeito não são adornos rituais - são princípios vivos, respirando em cada gesto, em cada sutileza, em cada palavra proferida no Templo.

Com o tempo, e com a devida reverência, o maçom vai compreendendo que o conhecimento é um bem sagrado - mas que exige muita responsabilidade. A sabedoria não grita: ela fala de forma sutil. E nessa sutileza mora a valorosa humildade. O saber que transforma é aquele que desarma o ego e ilumina o outro.

É natural que, em algum ponto da jornada, a imprudente vaidade tente se infiltrar. Seja pela juventude, seja por uma maturidade ainda não amadurecida. É quando a subida na Escada de Jacó começa a parecer mais um palco do que um salutar caminho. O perigo é sutil: aquele que sobe demais sem olhar os degraus acaba tropeçando na própria sombra, e neste caso, a queda é mais que evidente.



Nesses momentos, é preciso retornar. Voltar à Câmara de Reflexão. Mergulhar no VITRIOL com coragem. Rever aquela escuridão simbólica à luz de novas velas. Olhar no espelho não com soberba, mas com humildade - e lembrar que ali, diante daquele símbolo silencioso e sagrado, somos todos iguais. Buscadores da mesma luz e verdade.

A vaidade, quando toma o coração de um Mestre, transforma uma ferramenta nobre em um fardo perigoso. E mais grave ainda: quando o aprendiz observa esse comportamento e o toma como modelo para si, a vaidade de um se torna a deformação dos que ainda são como uma lousa em branco e buscam entender o mágico fora da cartola.

Um bom maçom não se reconhece pelo grau ou avental que carrega, mas pela maneira como trata os irmãos, como respeita o silêncio, como se compromete com o que ensina - e principalmente, como vive o que aprende. A vaidade é uma venda opaca que nos afasta da Luz. E aquele que se deixa cegar por ela, esquece que a verdadeira glória do maçom está em servir aqueles que chegam - e não em ser servido por aqueles que pouco sabem.



Simbolismo da vela de cera pura de abelha.

Benjamim Oliveira Engelke

Introdução

Ao longo da história, a vela tem ocupado um papel relevante em rituais e práticas espirituais, sendo reconhecida não apenas como fonte de luz, mas como símbolo de conexão com o sagrado. Este artigo examina a vela de cera pura de abelha a partir de uma perspectiva sensorial e simbólica, buscando compreender como sua presença carrega significados que vão além da matéria e revelam dimensões espirituais profundas.

Breve História.

A cera de abelhas é um dos produtos naturais mais antigos utilizados pela humanidade. Grandes civilizações da Antiguidade, como gregos, romanos e persas, fizeram uso desse material em diferentes aplicações cotidianas, desde impermeabilização até cuidados com o corpo. No entanto, foi no Egito Antigo que provavelmente surgiram os primeiros registros do uso sistemático da cera de abelhas, tanto para fins práticos quanto cerimoniais.

Por volta de 3000 a.C., os egípcios e sumérios já utilizavam formas rudimentares de velas. Nessas culturas antigas, a iluminação artificial era feita com o que hoje podemos chamar de “pavios-velas”. Eles usavam juncos, ou plantas aquáticas de talo fino e longo, que eram colhidos, secos ao sol e depois mergulhados em cera de abelha derretida ou gordura animal. Após o resfriamento, esses caules embebidos se transformavam em fontes de luz simples, com chamas modestas, mas eficazes para o ambiente da época.

Essa técnica, que precedeu o surgimento das velas moldadas com pavio interno, reflete o engenho prático dos povos antigos ao utilizarem os recursos disponíveis em seu entorno. A esponjosidade natural do interior dos juncos favorecia a absorção da cera, permitindo que ardessem de forma relativamente estável.



Com o passar dos séculos, a prática se espalhou e evoluiu. Os gregos e romanos mais tarde aprimoraram o uso da cera de abelhas e desenvolveram velas moldadas com pavios feitos de fibras vegetais, abrindo caminho para os formatos mais familiares que conhecemos hoje

Essa trajetória demonstra como a busca por “iluminação” levou ao desenvolvimento de soluções criativas, partindo de técnicas simples até produtos mais sofisticados, sempre com a cera de abelhas desempenhando um papel fundamental.

Desenvolvimento:

Do uso cotidiano à expressão espiritual

Historicamente, a vela surgiu como um instrumento funcional de iluminação, desempenhando papel essencial na vida cotidiana antes da popularização da luz elétrica. No entanto, com o passar do tempo, seu uso foi transcendendo a esfera prática e assumindo um papel simbólico nas mais diversas culturas e tradições espirituais. A chama da vela silenciosa, constante e delicada passou a representar a alma humana, a presença do sagrado e a busca pela elevação espiritual. Em ritos religiosos, cerimônias e momentos de introspecção, a vela tornou-se um artefato carregado de intencionalidade. Sua combustão lenta e silenciosa simboliza o processo de transformação interior, a efemeridade da vida e a entrega ao divino. Nesse sentido, acender uma vela é mais do que um gesto prático: é um ato simbólico que expressa reverência, fé e conexão espiritual.



A luz como ponte entre o visível e o invisível

A luz da vela passou a ser compreendida, ao longo do tempo, como um elo entre o mundo material e o espiritual. Sua capacidade de iluminar ambientes escuros foi reinterpretada como uma metáfora para a iluminação da mente e do espírito. A chama tornou-se imagem da revelação, da sabedoria e da presença de forças superiores, cumprindo a função de guiar, purificar e proteger. Sua presença remete ao fogo sagrado, elemento associado à divindade em diversas tradições. Assim, a luz da vela opera como um canal de mediação entre planos distintos, tornando-se uma ferramenta de conexão com o invisível e o transcendente.

A vela na Construção do sagrado

Acender uma vela é, em si, um gesto simples, mas quando realizado com intenção consciente, ele se transmuta em rito. A chama que se ergue delimita o espaço sagrado, invoca a presença do divino e revela o propósito interior de quem a acende. A vela, nesse contexto, torna-se mediadora entre o profano e o sagrado, entre o visível e o oculto. E quando moldada em cera pura de abelha, esse simbolismo se intensifica.

Fruto do labor de um ser que encarna os ideais de ordem, pureza e harmonia com a natureza, a cera de abelha carrega em si uma dignidade que transcende a utilidade. Não apenas alimenta a chama, mais consagra-a e eleva-a à condição de oferenda, manifestação do espírito e invocação da luz.

Nas tradições iniciáticas a vela adquire um valor simbólico ainda mais profundo. A luz que dela emana não se destina apenas a vencer as sombras do espaço físico, mas a guiar o iniciado em sua jornada interior. No rito do Aprendiz Maçom, recomenda-se o uso exclusivo da cera de abelha, não por capricho estético, mas pela carga simbólica que ela encerra: pureza, sabedoria e afinidade com o divino. A chama, nesse contexto, torna-se imagem da própria consciência em ascensão luz que revela, purifica e conduz.

A Abelha como Símbolo de Vigilância e Sabedoria

A própria abelha, criatura sempre em movimento, nos lembra da necessidade constante de vigilância e trabalho contínuo, conforme ensinado no ritual quando o Venerável Mestre questiona: “Por quanto tempo devemos trabalhar?”

A resposta: “Desde o M.’D.’ até à M.’N.’....” ecoa o exemplo da abelha, que labora sem cessar em prol de sua colmeia.



Além disso, a abelha simboliza a sabedoria; coleta o néctar de diversas flores e o transforma em mel, um alimento superior, puro e duradouro. Assim também deve ser o comportamento do Aprendiz ao buscar o conhecimento nas diversas fontes e transformá-lo em sabedoria interior, digna e edificante.

Por que velas de cera de abelha?

Durante o inverno, as abelhas recolhem-se em suas colmeias e, por meio do bater incessante de suas asas, a mantêm aquecido a cerca de 33°C, protegendo e preservando a vida da rainha. Esse ato coletivo e sacrificial, onde muitas morrem de exaustão, é visto como um serviço heroico, um paralelo simbólico ao trabalho do Iniciado em sua jornada espiritual. Curiosamente o número 33 também carrega múltiplas camadas de simbolismo sagrado, como a idade de Jesus quando foi crucificado, o reinado do Rei Davi em Jerusalém que durou 33 anos; a idade de Alexandre o Grande, ao morrer; O corpo humano que possui 33 vértebras, formando a espinha dorsal símbolo da coluna que sustenta o ser e por onde sobe a energia espiritual na tradição esotérica. Essas correspondências indicam que nada é por acaso no universo simbólico.

A Fragrância e a Luz da Cera Pura

Ao queimar-se, a vela de cera de abelha exala um suave aroma de mel, que envolve o ambiente com uma fragrância doce e acolhedora. Esse perfume lembra a tradição mística cristã, onde se diz que certos santos, ao morrerem, exalavam um odor suave e agradável, sinal de santidade e pureza espiritual (“O simbolismo das velas...”, 2024).

Assim, ao sentir o aroma da vela, o Aprendiz pode refletir sobre sua própria vocação: buscar a santidade, o aperfeiçoamento moral e a conexão com o divino.

Benefícios Naturais e Espirituais

Além de sua forte carga simbólica, a vela de cera de abelha também oferece benefícios concretos: Purifica o ar ao queimar, liberando íons negativos; Elimina poeiras, fungos, mofos e odores desagradáveis; Tem uma queima lenta, limpa e duradoura, sem emitir toxinas como as velas de parafina. Essas qualidades reforçam seu caráter sagrado e harmonioso com a natureza.



Conclusão:

A vela de cera pura de abelha não se limita a iluminar o espaço físico — ela acende, sobretudo, o interior do ser. Em sua chama branda e constante arde o símbolo da alma em ascensão, da busca silenciosa pelo sagrado e da purificação pelo fogo do espírito. Fruto do labor harmônico da natureza, ela consagra o tempo e o espaço, transmutando o ordinário em rito e o gesto simples em sacramento.

Entre o visível e o invisível, o material e o transcendental, a vela torna-se ponte e testemunho: de pureza, de sacrifício e de sabedoria. Sua presença em contextos iniciáticos, como na Maçonaria, reforça sua vocação simbólica — não apenas como fonte de luz, mas como farol da consciência que se eleva.

Assim, compreender a vela de cera de abelha é perceber que, em sua chama, brilha mais do que fogo: brilha o arquétipo da alma desperta, do espírito vigilante e do homem em busca da luz.

Referências

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. Ritual do Aprendiz Maçom: Rito Adonhiramita. Edição oficial. Brasília, DF: Editora do GOB, 2009.

LUZ MÍSTICA. O simbolismo das velas. Disponível em: <https://familiacatolicaatelie.lojavirtualnuvem.com.br/o-simbolismo-das-velas-e-a-cera-de-abelha/> . Acesso em: 02 abr. 2025.





Ferramentas do Companheiro Maçom e sua analogia com a cultura Afro-Religiosa

Marcos Barbosa Vulcão

1) Introdução:

A Maçonaria utiliza símbolos e alegorias para transmitir ensinamentos morais e filosóficos. No grau de Companheiro, que é o segundo passo na jornada maçônica, o iniciado é incentivado a aprofundar seu conhecimento e a aplicar os princípios aprendidos em sua vida diária. As ferramentas simbólicas desse grau representam virtudes e reflexões que orientam o comportamento do Maçom.

Por sua vez, as religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, também usam símbolos, rituais e arquétipos para transmitir sabedoria ancestral e promover o equilíbrio espiritual. Este trabalho propõe uma analogia entre as ferramentas do Companheiro Maçom e os elementos da cultura afro-religiosa, ressaltando como, apesar de suas diferenças, ambas as tradições compartilham valores universais como ética, respeito e evolução espiritual.

2) Desenvolvimento:

O Cinzel e o Malho.

São ferramentas simbólicas essenciais. O Cinzel representa a habilidade de esculpir e moldar, simbolizando o processo de aprimoramento pessoal e a busca pelo autoconhecimento. Já o Malho, que é utilizado para golpear o Cinzel, simboliza a força e a determinação necessárias para enfrentar desafios e evoluir. Na cultura afro-brasileira podemos associar ao orixá Ogum que traz o simbolismo da guerra, do ferro, da tecnologia e da coragem. Ele é o "senhor da guerra" e o "ferreiro que abre caminhos", sendo responsável por criar ferramentas, armas e tecnologias essenciais para o desenvolvimento humano.

Tanto o Cinzel e o Malho quanto Olgum nos ensinam sobre a importância de trabalhar ativamente em nossa evolução, utilizando as ferramentas que temos à disposição para esculpir nossa trajetória e promover mudanças significativas em nossas vidas.

O Esquadro.

É um símbolo que representa a ética, a moralidade e a retidão. Ele é utilizado para garantir que as ações do Maçom estejam alinhadas com



princípios justos e corretos, servindo como uma ferramenta para medir a integridade e a verdade em sua vida. Oxalá é um Orixás frequentemente associado à pureza. Ele representa a luz, a paz e a harmonia, sendo visto como o Orixá que traz a ordem ao caos. Ele é o símbolo da sabedoria, guiando seus seguidores em direção a uma vida ética e equilibrada. Portanto, tanto o Esquadro quanto Oxalá nos ensinam que a verdadeira sabedoria e a ética são fundamentais para a construção de um mundo melhor, promovendo a justiça e a harmonia nas relações humanas.

O Compasso

Simboliza a capacidade de traçar limites e agir com equilíbrio. Ele nos ensina a importância de medir nossas ações e desejos. Na cultura da religião afro-brasileira, também há um forte foco no equilíbrio e na harmonia através dos Orixás, que representam forças da natureza e aspectos da vida, orientam a viver em sintonia com o universo, respeitando os limites naturais e espirituais. Ambos enfatizam a importância de viver com responsabilidade e consciência. Assim como o Compasso nos ensina a medir nossos comportamentos e a agir de forma ética, as práticas afro-brasileiras nos lembram da necessidade de respeitar as forças que nos cercam e de encontrar um equilíbrio entre o mundo material e o espiritual.

A Alavanca

U ferramenta que simboliza a força e a capacidade de realizar mudanças significativas com esforço direcionado. Ela representa a ideia de que, mesmo pequenas ações podem gerar grandes resultados quando aplicadas de maneira inteligente e estratégica. Nas práticas de Candomblé e Umbanda, a força espiritual é frequentemente mobilizada através de rituais e oferendas. Os praticantes utilizam esses elementos para invocar a ajuda dos Orixás, acreditando que com a força e a energia apropriada, podem provocar transformações em suas vidas e na comunidade.

Os dois símbolos nos ensinam que a verdadeira força reside na sabedoria de como e quando agir, utilizando as ferramentas e energias disponíveis para alcançar resultados positivos e significativos em nossas vidas.

A Régua de 24 polegadas.

Uma ferramenta simbólica que representa a disciplina, o autocontrole e a medição do tempo em nossas ações e comportamentos. Na religião afro-brasileira, os rituais de tempo e oferendas são fundamentais para manter a conexão com os Orixás e os ancestrais. Esses rituais são agendados em momentos específicos, respeitando ciclos naturais e cósmicos, e as oferendas



são uma forma de expressar gratidão e solicitar bênçãos. Eles também refletem a importância de dedicar tempo e atenção ao sagrado. Portanto, tanto a Régua de 24 polegadas quanto os rituais e oferendas nos ensinam a importância de viver de maneira consciente, respeitando o tempo e dedicando-nos ao que realmente importa, seja no autocuidado ou na espiritualidade.

3) Considerações finais:

A comparação entre as ferramentas do Companheiro Maçom e os elementos da cultura afro-religiosa revela uma profunda conexão entre diferentes formas de espiritualidade. Ambas utilizam símbolos para ensinar, transformar e elevar o ser humano. A Maçonaria, com sua linguagem racional e filosófica, e as religiões afro-brasileiras, com sua força ancestral e espiritual, mostram que o caminho da evolução é universal e pode ser trilhado por diversas vias.

Essa analogia não busca igualar as tradições, mas sim reconhecer que, por trás dos símbolos, há valores comuns que unem os seres humanos em sua busca por sentido, justiça e transcendência.

4) Referências

RITUAL 2º Grau de Companheiro – Rito Escocês Antigo e Aceito, Grande Oriente do Brasil, 2024.

CASTELLANI, José. O que é Maçonaria. Editora Brasiliense, São Paulo, 1990.

LOMAS, Robert. O poder secreto dos símbolos Maçônicos. Editora Madras, São Paulo, 2018.

PRANDI, Reginaldo, Mitologia dos Orixás, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2001

GREIMAS, Algirdas J. Semiótica e Ciências Sociais. Editora Cultrix, Rio de Janeiro-RJ, 1976.

Como interpretar os símbolos e alegorias maçônicas
<https://www.freemason.pt/como-interpretar-simbolos-alegorias-maconicas/>
Acessado em 29-05-2025.





O simbologismo da Corda de 81 nós, e suas interpretações na visão do Aprendiz Maçom

Benjamim Oliveira Engelke

Introdução

Na trajetória do Maçom, os símbolos assumem um papel central no processo de evolução pessoal, representando a construção contínua e progressiva de seu templo interior. Esse universo simbólico não se restringe ao espaço do Templo, mas se expande para todas as dimensões da existência, influenciando atitudes, pensamentos e modos de expressão no cotidiano.

Enquanto tradição iniciática, a Maçonaria faz uso de um repertório de ornamentos e instrumentos simbólicos que orientam o neófito em sua jornada interior, conduzindo-o à edificação de valores que sustentam o aperfeiçoamento moral e espiritual. No grau de Aprendiz, tais símbolos adquirem especial relevância, uma vez que se configuram como guias indispensáveis para os primeiros passos na senda do conhecimento.

Entre esses elementos, a corda de 81 nós evoca a ideia de um vínculo perene e indissolúvel, unindo todos os maçons em uma fraternidade universal. Sua presença discreta, mas significativa, no espaço ritualístico, convida à reflexão sobre a união, a continuidade e a interdependência entre os Irmãos, estabelecendo um elo que transcende o aspecto material.

Breve panorama histórico

A origem da corda remonta ao período pré-histórico, quando por meio da observação da natureza, passaram a entrelaçar fibras vegetais para criar instrumentos de amarração, transporte e construção. Evidências arqueológicas sugerem o uso de cordas já no Paleolítico Superior, por volta de 28.000 a.C., inicialmente confeccionadas com lianas, raízes, juncos e tendões de animais.

Com o surgimento das primeiras civilizações organizadas, como egípcios, mesopotâmios, chineses e hindus, a fabricação de cordas foi aperfeiçoada, sendo incorporada às atividades cotidianas como, náuticas, agrícolas e arquitetônicas. No Antigo Egito, por exemplo, cordas foram amplamente utilizadas na construção de monumentos e no sistema de medição agrária, associando-se desde então a funções que envolviam ordem e organização



Já nesta época as cordas eram ferramentas essenciais para medir terrenos, alinhar estruturas, erguer blocos, e determinar ângulos e retidão, auxiliando os pedreiros a manter a simetria e a proporção das obras sagradas.

Partindo deste princípio a corda passou a ser usada na construção de templos a partir do 3º milênio a.C., sendo uma ferramenta funcional, associada à medição.

Em canteiros de obras, eram utilizadas cordas com nós para delimitar áreas de trabalho, traçar linhas retas, estabelecer ângulos precisos e garantir a proporcionalidade das construções, especialmente em catedrais e outras edificações de importância simbólica e religiosa. O uso da corda com nós permitia medições padronizadas, servindo como instrumento prático e acessível antes do advento de réguas e compassos mais refinados.

A corda de 81 nós no templo

A corda de 81 nós, ao contornar a Abóbada Celeste, simboliza, inicialmente, a separação entre o mundo profano e o sagrado, traçando um limite visual e espiritual que consagra o Templo como espaço inviolável. Sua presença protege o recinto contra influências externas e preserva sua sacralidade.

Entretanto, no decorrer dos trabalhos, sua presença constante reafirma o caráter ritualístico do ambiente e reforça a exigência de pureza e preparação espiritual daqueles que nele adentram.

Assim sendo, suas borlas douradas e sua abertura no Oc.´. remetem à reflexão de que o maçom deve buscar sempre a pureza, ser receptivo a novos membros e estar constantemente aberto a novas ideias, conhecimentos e reflexões, conduzindo-se, assim, ao permanente aperfeiçoamento.

Ligando a Col.´. J a corda evoca o entendimento que o lapidar do nosso templo interior, se faz com disciplina, coragem e perseverança diante das dificuldades. Tal esforço expressa o cultivo de hábitos firmes e resilientes, sustentados pelos valores da sabedoria.

Conectando-se à Col.´. B, a simbologia enfatiza a harmonia entre pensamentos e ação, destacando a importância do equilíbrio, da simplicidade e da inspiração como elementos que conferem sentido ao caminho de edificação do templo interior.

No Or.´., a corda de 81 nós acentua ainda mais seu simbolismo dentro do Templo, pois o Oriente representa o local onde reside a Luz da Sabedoria, simbolizando a direção e a condução dos trabalhos.



Sua presença nesse espaço reforça que o acesso à Luz está condicionado a disciplina, a retidão, a preparação e a pureza de intenção. O conhecimento e a evolução espiritual dependem, portanto, da observância rigorosa das leis morais e espirituais que regem o Universo.

Dessa forma, a corda atua como um arco protetor e consagrador do espaço, guardando, preservando e direcionando, com sabedoria, os trabalhos realizados na Oficina.

Significado dos Nós

Os nós entrelaçados na corda de 81 nós evocam, simbolicamente, a Cadeia Fraternal e o compromisso mútuo entre os maçons, representando a união indissolúvel sob os mesmos ideais de fraternidade universal e elevação espiritual.

Essa simbologia encontra expressão concreta no Ritual do Aprendiz, especialmente no momento da formação da Cad.'. de Un.'. , quando os Irmãos se dispõem ao redor do Pav.'. Mos.'. para a transmissão da Pal.'. Sem.'. Tal prática não apenas reforça a coesão da Fraternidade, como também manifesta o elo que une todos os maçons em torno de um centro comum de sabedoria, harmonia e propósito.

O nó, em alguns templos, frequentemente representado na forma do símbolo do infinito (∞), remete à perpetuidade dos ideais maçônicos e à constância do amor fraternal, sugerindo um fluxo contínuo de união, solidariedade e interdependência espiritual.

A disposição equitativa e regular dos nós ao redor do Templo recorda que, embora a jornada iniciática de cada maçom seja individual e sagrada, todos avançam em harmonia, guiados pela mesma Luz que emana do Oriente.

Cada nó representa um Irmão, livre e independente, mas unido aos demais pela fraternidade, assim como expressa o Salmo 133: *“Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união”*. Essa mensagem reflete que o Templo da Unidade é uma construção coletiva, onde cada pedra tem sua importância no conjunto.

O número 81 carrega o simbolismo da plenitude espiritual, representando o ciclo que conecta o obreiro ao G.'. A.'. D.'. U.'. , e traduz a ideia de busca incessante pelo conhecimento, pela perfeição e pelo aperfeiçoamento moral e espiritual.

Cada nó, embora individualizado, está permanentemente conectado aos demais por meio da mesma corda, formando um todo contínuo e harmonioso,



reforçando que cada ser humano faz parte de uma rede de interdependência espiritual, na qual as ações individuais repercutem no coletivo.

Conclusão

A corda de 81 nós transcende a sua simples função ornamental no espaço ritualístico da Loja, assumindo um papel de profunda relevância simbólica no processo de desenvolvimento do Maçom. Ela representa, simultaneamente, os limites do espaço sagrado, a proteção espiritual, a coesão fraternal e a permanente busca pela elevação moral e espiritual. Embora cada maçom trilhe sua própria senda iniciática, esse caminho não é percorrido de forma isolada, pois existe uma interdependência que une os Irmãos, e consolida os valores universais como fraternidade, solidariedade, amor ao próximo e constante aprimoramento de si mesmo. Assim como cada nó contribui para a integridade e a beleza da corda, cada Irmão é uma parte essencial na construção coletiva do Templo simbólico.

A corda de 81 nós convida o Neófito à reflexão constante sobre sua própria transformação interior, recordando-lhe que o verdadeiro templo a ser edificado é aquele que se constrói dentro de si, por meio do trabalho, da disciplina, da retidão e da prática dos princípios que regem a Arte Real.

Referências

BOUCHER, Jules. A Simbólica Maçônica. São Paulo: Editora Pensamento, compilação 1979.

Bíblia Sagrada. Salmo 133:1 – "Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união."

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. Ritual do Aprendiz Maçom: Rito Adonhiramita. Edição oficial. Brasília, DF: Editora do GOB, 2009.

D'ELIA Junior Raimundo. Maçonaria 100 Instruções de Aprendiz. São Paulo: Masdras, 2024.

DA CAMINO Rizado. O simbolismo do Primeiro Grau. São Paulo: Masdras, 2024.

A CORDA DE 81 NÓS-RESUMO DA SUA HISTÓRIA E SIMBOLISMO NO REAA. Disponível em:

<https://pedro-juk.blogspot.com/2021/02/a-corda-com-81-nos-resumo-da-sua.html?m=1>. Acesso em: 22 setembro de 2025.



Mestre de Cerimônias, e sua ligação com Adão, uma análise bibliosófica do seu trabalho

Johnatta Souza do Nascimento

INTRODUÇÃO

Lemos em Ezequiel 1.12-14: “Cada um deles ia sempre para frente. Para onde quer que fosse o Espírito, eles iam, e não se viravam enquanto se moviam. Os seres vivos pareciam carvão aceso; eram como tochas. O fogo ia de um lado a outro entre os seres vivos, e do fogo saíam relâmpagos e faíscas. Os seres vivos iam e vinham como relâmpagos”. Esse trecho da Bíblia traduz bem a fala pronunciada pelo amado irmão Lourival, quando disse o seguinte: “nesse rito, não tem volta, o mestre de cerimônias anda sempre para frente, ele não pára e nem volta”.

Essas palavras ficaram marcadas no pensamento, tentando captar ali, o simbologismo desse translado, desses passos e da função do mestre de cerimônias. Por que sempre para frente? Por que não tem volta? Quem seria este indivíduo que pode andar por todo o templo o tempo todo? Foram com estes pensamentos ruidosos e intrigantes que resolveu-se fazer este trabalho.

A CRIAÇÃO DO TEMPLO

Toda análise deve ter um começo, algo a se orientar. Falar do translado em loja, iria, por ordem cronológica dos fatos, suprimir o início do trabalho do Mestre de Cerimônias, que se dá antes mesmo de entrarmos no templo, onde ele, acompanhado do Arq.º, Cobr.º, Int.º e o 2º Exp.º, entram no templo para preparar o Alt.º dos PPerfum.º, fazendo revigoramento da Chama Sagrada. Este pequeno momento que os demais membros não assistem, pois, a loja ainda não está aberta, pode-se ler na Torah em Gênesis 1.1 – Bereshit Bara Elohim que em tradução literal seria “no princípio criaram eles”, no plural majestático, já que Elohim é uma palavra hebraica no plural, apesar que de acordo com o contexto, poder aludir a alguém com notório poder sobre outrem.

Seus passos seguem para fora do templo e novamente começa a organizar ainda mais a criação que está nascendo, entregando as insígnias de funções e faixas aos oficiais que irão exercer algum cargo cada um com a sua joia do grau, dispõe os irmãos conforme suas respectivas funções, para este exposto podemos ler em Gênesis 1-14 – “E disse Deus: haja luminárias na expansão dos céus para haver separação entre o dia e a noite; e sejam para eles sinais e para tempos determinados e para dias e anos”. Irmãos, no nosso próprio ritual esse status quo é citado quando os vigilantes dizem: brilhantes ornamentos da coluna do sul, ou brilhantes ornamentos da coluna do norte. É



como se cada irmão que ocupa um cargo, até mesmo suplente, se tornasse uma estrela para os demais, principalmente, para os aprendizes.

Chega-se no ápice da criação do templo, que se encerra na preparação na sala dos passos perdidos, onde todos os irmãos juntos em barulho, efusão, ainda se encontram dispersos física e mentalmente da cosmogonia que se seguirá.

Com este dito, podemos trazer o seguinte texto da bíblia: Gênesis 1.2 – “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”.

O irmão M.'. CCER.'. ao ver tudo isso, rompe a profusão do caos com o ressoar de sua palma e começa com sua voz, ordenar tudo a sua frente. Colocando os aprendizes de um lado, companheiros do outro lado, mestres, venerável mestre e autoridades presentes, ele começa então a dar forma ao templo, começa a Gênese da sessão.

Antes da entrada ao templo, o irmão pede que todos fiquem em silêncio, acabando ali, o caos de pensamentos, palavras e ações dos demais irmãos. Após esse momento, o M.'. CCER.'. convida os irmãos a entrarem no templo, alinhando-os e distribuindo a todos em seus pontos cardeais como planetas e estrelas no sistema solar, iniciando os seus movimentos em nossa via láctea.

RITUAL DE INCENSAÇÃO, O PRANA QUE DESCE DO CÉU

Depois que todos os irmãos estão em seus devidos lugares, o venerável pede ao mestre de cerimônias que proceda com o ritual da incensação, que é atendido de pronto.

Que bela imagem é essa do ritual a quem presencia o seu desenrolar, o turibulo a altura do coração, com seu calor irradiante a frente, queimando a mistura de ingredientes e expelindo de forma teatral o seu eflúvio agradável e restaurador.

Para este dito acima, traz-se novamente o pequeno trecho de Gênesis, onde diz: e o Espírito de Deus, se movia sobre a face das águas.

O espírito como forma e aspecto é muitas vezes representado como uma fumaça sutil, levemente observada aos olhos, mas que muitas vezes é percebida através de outros sentidos humanos como o olfato. O irmão mestre de cerimônias ao carregar o turibulo, faz com que essa fumaça, preencha o templo, como se o próprio Espírito de Deus ali estivesse, nos animando, acalmando nossos corações.



Nos textos do livro de Dyzan, um compêndio de pergaminhos tibetanos que tratam da cosmogonia, encontramos os seguintes trechos: “Ao iniciar a sua obra, separa as Centelhas do Reino Inferior, que se agitam e vibram de alegria em suas radiantes moradas criando os proto-planetas e proto-estrelas. Colocando-as nas seis Direções do Espaço, deixa uma no Centro: a Roda Central. Ele, Fohat junta a poeira do fogo e corre através delas e em seu derredor, insuflando-lhes vida e, em seguida, as põe em movimento, umas nesta direção e outras naquela”. Reparem que este trecho é uma bela descrição do translado do mestre de cerimônias no ritual de incensação.

Ao receber a matéria do incenso, na quantidade de três porções ser colocada no turibulo pelo venerável, o mestre de cerimônias separa as centelhas que se agitam e vibram de alegria, isso tem dois significados; um, o carvão em brasa que se agita ao receber a incesso; e o outro significado, a nossa própria centelha divina que vibra na morada de nossos corações ao estarmos em loja.

Quando se diz coloca-as nas seis direções, vejam amados Irmãos, aí estão exatamente as estações do templo onde o mestre de cerimônias percorre e defuma com o turibulo, sendo que ele deixa uma no meio, no Centro, na Roda Central, este é o momento em que o mestre de cerimônias para entre o oriente e o ocidente, após a sua primeira ronda e profere as três palavras lema as quais citaremos posteriormente. Antes do fim do translado os textos de Dyzan dizem que os movimentos em determinado momento precisam ser em uma direção, e em outro momento, em outra direção, que explicação esplendida da mudança da rotação do mestre de cerimônias no grau de aprendiz e no grau de companheiro. Onde no grau de aprendiz o translado se faz no sentido horário, já no grau de companheiro, o translado se faz no sentido anti-horário.

Não é somente por isso que há essa mudança na direção, o plano de vibração que se executa o grau de aprendiz é diferente do plano de vibração do grau de companheiro, colocando isso em forma de música, é como se o tom harmônico aumentasse uma oitava, ou seja, é a mesma nota, em uma afinação melhor, emitindo um som mais alto, uma vibração maior é como se a oficina toda tivesse atravessado o espelho do véu dos mundos, vivenciado ali o seus atos espelhados, os aprendizes labutando no mundo material bruto e os companheiros no mundo astral, tentando chegar no mundo espiritual dos mestres. A oficina se vê ao contrario da imagem que se produz, um contragiro feito nas danças de salão onde geralmente antecede a um aumento da velocidade da dança. Esses movimento das rodas cósmicas, mudam a frequência que a egrégora vibra e com isso, traz ao templo outro nível de seres espirituais para assistir o trabalho da nossa oficina. Após isso, o mestre de cerimônias de posta-se no ocidente, de frente para o oriente e defuma o centro



novamente, mas na divisão entre o ocidente e limbo que antecede a camara do templo.

Com o templo devidamente preenchido com essa fumaça de aroma agradável, o mestre de cerimônias volta para o seu assento e encerra o ritual de incensação. A esta fumaça perfumada, os antigos hindus chamavam de Prana, a essência cósmica que no mundo manifestado é a força vital que sob a vontade do Logos Criador, une as formas, dando-lhes o primeiro impulso de vida, ou seja, neste momento, o templo está cheio de matéria de vida, que inspiramos e expiramos, animando o nosso éter vital.

AS PALAVRAS DITAS, AS SÚPLICAS DE UM CORAÇÃO QUE VIBRA DE VIDA

No capítulo anterior, falamos muito do caminhar do mestre de cerimônias, mas deixamos de lado uma face importante desse ato, o pronunciar das palavras, até de forma proposital, para assim, olharmos com mais atenção ao poder que sai delas.

Em todos os mitos criacionais, nada tem início sem o ribombar de uma voz e não poderiaser diferente na gênese do nosso templo.

Naqueles momentos cruciais onde há o limiar dos passos do mestre de cerimônias em meio ao seu translado poético em loja, há muito a que se observar. Já que ele está ali, sozinho criando ordem, disciplina, alinhando, tentando equalizar o templo e os membros dentro de uma egrégora poderosa, faz-se necessário que ele emita o seu som, passando então da posição de obediência, para ordenança.

Nessa cosmogonia harmônica que se desenrola, vimos que antes da criação, nada havia, somente caos e desordem, nesse momento age então a coragem que emana do mestre de cerimônias, pois ele encara as portas do abismo vazio e ali faz ressoar a sua voz, dando nome, ordem, mas ao mesmo tempo, essa criação de sua voz é uma suplica ao Divino Eterno, para que ele nos assista em nossos trabalhos e nos preencha com a suas dádivas.

Por que uma súplica? Ora, muito já se sabe que o rezar, é mecânico, apenas o repetir de palavras escritas sem apelo espiritual, se é mecânico, acaba sendo feito sem consciência. O orar é mais sutil, pois necessita de uma determinada dose de sentimento esotérico, tornando o ato mais simbólico e pessoal, dizemos que é feito pela alma. Quanto a súplica, essa suplanta as duas formas anteriores em muito, pois o verdadeiro suplicante, só consegue fazer tal ato, se o fizer de todo o coração, a suplica vem do espírito, aquela centelha divina que arde em nossos corações e deseja ardentemente voltar ao plano divino da sua criação.



Explicado isto, voltemos a nossa atenção as palavras. Em cada uma das estações percorridas o mestre de cerimônias fala algo e com isso, cria essa ideia/forma dentro do templo, ação esta muito parecida com nosso pai primordial fazia a dar nome as coisas lá no Éden. Isso também é dito no Sefer Yetzrah, no trecho que diz: Abra Ca Da Bra (eu crio enquanto falo).

A primeira palavra, Sabedoria, dita em frente ao venerável, evoca a segunda sephirat Choknah que a sua força cabalística, transforma o nosso venerável em um chakahm, ou seja, um homem sábio, aquele que irá nos instruir com a sua luz recebida do oriente.

A segunda palavra, Força, dita em frente ao 1º vigilante, evoca a sua natureza corpórea da vontade humana, representada pela força de vontade, da garra e da resiliência em fazer o trabalho de reforja de sí mesmo, para assim reformar o mundo.

A terceira palavra, Beleza, dita em frente ao 2º vigilante, evoca a sexta sephirat, Tiferet que está localizado no centro da árvore cabalística, ela gera na ação do homem a capacidade de tornar melhor a ideia do venerável mestre, executada sob orientação do primeiro vigilante, nesse momento, a palavra chama no coração do irmão, a vontade de fazer um trabalho limpo, que perdure por anos e que dê frutos bons nos irmãos e na sociedade.

A quarta palavra, Justiça, dita em frente ao orador, evoca a quinta sephirat Guevurah, está localizada no pilar da severidade que pode acabar sendo impetuosa demais, mas com o auxílio da Beleza (Tiferet) e da Sabedoria (Choknah) ditas anteriormente, torna-se imparcial e necessária, mesmo sendo enérgica. Uma força orientada em prol da igualdade.

A quinta palavra, Memória, dita em frente ao secretário, evoca o simbolismo temporal que todos somos fadados, em determinado tempo, o que fizemos será esquecido na nossa partida para o Oriente Eterno, mas há alguém que será o responsável por lembrar dos nossos tijolos que deixamos no templo, é esse irmão que fica imbuído do trabalho secular e registral de tudo que foi feito em loja.

A sexta palavra na verdade é uma tríade, já que o primeiro triangulo do selo de Salomão está formado, a saber, Sabedoria, Força e Beleza, ela vem para confirmar o lema da maçonaria, nesse momento ele diz Liberdade, Igualdade e Fraternidade, evocando em nossos corações a tríplice argamassa que devemos usar para construirmos uma sociedade melhor.

Entre o proferir de palavras isoladas, chega o momento que o mestre de cerimônias realiza a real suplica, parando entre colunas, de frente para o Oriente, fitando a Estrela Rutilante que brilha em nosso zénite ele em voz alta



e imponente diz: “que a paz reine em nossas colunas”, respondido de pronto por todos os irmãos.

A súplica está feita, nesse momento ele abre seu coração a GADU e evoca suas bênçãos para que tenhamos todos uma sessão justa e digna, como deve ser feitas pelos pedreiros da verdade.

A sétima palavra, Diligencia, dita em frente ao cobridor interno, evoca o zelo que devemos ter em manter a nossa oficina pura, incognoscível aos profanos, para isso o cobridor está em punho com a sua espada, pronto para defender o templo caso necessite.

Antes de proferir a oitava palavra, o mestre de cerimônias une suas mãos com o cobridor interno e juntos realizam uma rotação em sentido novamente anti-horário como se fosse um eclipse, pois esses astros estão trocando seus postos na direção que o sol envia seus raios de luz. Trocam-se os itens ritualísticos e o cobridor a oitava palavra, Harmonia, em frente ao mestre de cerimônias, essa palavra coroa o trabalho desde irmão, pois nesse momento é dito o real trabalho do mestre de cerimônias em loja, criar, manter e compartilhar em plena harmonia em todo o templo, tocando os corações do irmãos ali equalizar todo mundo dentro da egrégora maçônica que viemos fortalecer.

A nona e décima palavras são ditas pelo cobridor interno, na porta do templo: Paz e Amor, evocando as funções do cobridor externo e primeiro experto, fechado ali, no espaço sideral de astros que compõem a nossa oficina. O mestre de cerimônias volta ao seu lugar e encerra o ritual.

O CERIMONIAL DO FOGO, A LUZ QUE VEM DO ORIENTE

Chegamos então ao final do translado esotérico do mestre de cerimônias, o acendimento das luzes do Zeir Anpim que é o aspecto de Deus revelado pela cabalah. O Zeir Anpim compreende as faculdade emocionais manifestas das sephitot Chesed, Gevurah, Tiphereth, Netzach, Hod e Yesod.

A combinação dessas sephirot principalmente pela ação de Tiphereth (Beleza) concede a condição de manifestação do Tetragramaton YHVH (יהוה) que por sua ação direta na matéria humana, ativa o nosso Tikkun, que é o processo de retificação e correção cabalística do homem, rompendo seu ciclo de reencarnações dentro dos doze signos zodiacais e se há a manifestação do divino masculino YHVH, há por conseguinte a manifestação do divino feminino através da Nukvah que o feminino de Zeir Anpim representado pela sutilha da Shekinah que é a presença divina feminina, completando ai a dualidade criadora. Dito isto, o ato de acender essas luzas em nossas colunas, coloca os membros desta oficina diante do trabalho esotérico de se auto



corrigir, de melhorar a si mesmo do debastar e polir a sua pedra bruta que é o seu ego, o seu ser aural que ainda comanda suas ações.

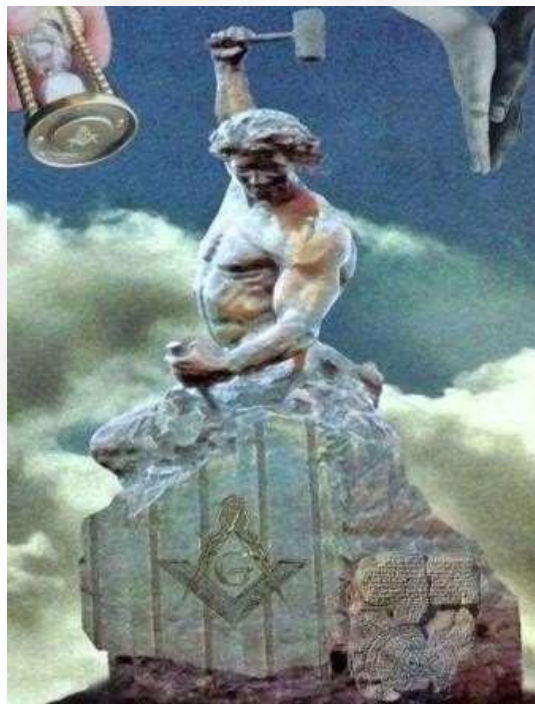


Imagem 1 – (Homem debastando a si mesmo)

O mestre de cerimônias pega o acendedor e o ativa na chama sagrada para depois o entregar para o venerável mestre, vejam que o venerável recebe o fogo sagrado pelas mãos de outro, isso tem uma simbologia muito sutil, pois neste momento o mestre de cerimoniais age como Adão/Deus que ao comer do fruto da árvore, não retém o conhecimento que adquiriu e mesmo recebendo punição, compartilha seus conhecimentos com seus filhos no futuro e com sua consorte Eva ou mesmo Prometeus, o ser divino que entrega o fogo para a humanidade iniciar o seu trabalho, nisso novamente há uma suplica muda, pois o mestre de cerimônias que poderia reter a luz consigo, já que ele a viu ser criada, decide compartilhar ela com todos através das mãos no do nosso venerabilíssimo. Ele a entrega sempre pela mão esquerda do venerabilíssimo, a mão da expansão e a retoma pela direita, a mão da correção e redenção.

Da mesma forma, ele procede junto aos veneráveis irmãos primeiro e segundo vigilantes. As nossas três luzes nesses momentos por ressoar esotérico do mestre de cerimônias tornam-se também suplicantes e de suas bocas recitam suas palavras mantras e fazem suas súplicas em prol da oficina.

Findando o translado, o venerabilíssimo ainda recita sua última suplica, sendo essa, um das mais importantes, pois vendo e sentindo a presença das luzes, pede de todo o seu coração que ela ali ficasse conosco, para nos



iluminar nos planos, físico, mental e espiritual onde o companheiro labuta de forma esotérica.

O cerimonial do fogo é mais curto quando comparado ao de incensação, porém ele coroa a presença manifesta de GADU no templo, é somente com a conclusão deste ritual que o venerabilíssimo começa o seu trabalho na matéria iniciando o seu interrogatório para declarar a loja aberta.

CONCLUSÃO

Tal qual nosso pai Adão, o mestre de cerimônias não é mais um aprendiz, mas também não é um mestre, ainda não conheceu todos os desígnios de seu Pai ou de seu venerabilíssimo mestre, portanto, está fadado a errar ou agir em determinado momento, por vontade própria, talvez não por rebeldia, mas por uma vontade inata de também participar da criação, de nomear, organizar, polir e abrilhantar a obra de suas mãos. Além do venerabilíssimo, o mestre de cerimônias é o único oficial em loja que pode ter a palavra em qualquer coluna no ocidente, bem como pode ir para o oriente de lá também expor seus pensamentos, afinal ele imita os seres angélicos que ziguezagueavam como relâmpagos.

Qual pedreiro, mestre de obras, engenheiro, arquiteto que não se compraz do resultado de sua obra, se fosse diferente, não estaria escrito na bíblia que até mesmo Deus, ao final do seu dia reconhecia que seu trabalho era bom.

Adão em hebraico Adam, nasceu para ser o companheiro de Deus, bem como o mestre de cerimônias, sob o ponto de vista do grau de companheiro, também o é de seu venerabilíssimo. Adão nasceu de Adamah, ou seja, a terra vermelha, argilosa, arável, fértil; seu nome está contido dentro da palavra, sem o sufixo Ah, ou Yah, ou El, que são conhecidos como sufixos angelicais, divinos. Podemos dizer que Adam é o coração da Terra. A palavra/mantra Adam em hebraico pode significar o homem formado da terra vermelha, e há alguns cabalistas que a ligam com a palavra trabalho/pagamento. Se tirarmos a letra Alef א, fica a palavra Dam que pode ser traduzida como sangue, que é fonte de vida adquirida ao receber o Alef, o sopro de Deus.

Com isso podemos dizer que Adão era o ser criado do coração da terra para trabalhar nela e dela, obter o seu pagamento, ou seja, o ser que veio da terra, comunga dela com sinergia e voltará para ela como seu berço.

Porquê isso tudo está ligado ao mestre de cerimônias? Vejam que o irmão que desempenha essa função, sai do meio da oficina que lhe fez nascer um maçom, para trabalhar talvez na função que mais demande tempo e atuação física que as demais, e o fruto do seu trabalho é justamente, colher



as pedras que foram debastadas, polidas e medidas para a erguer o templo, nisso podemos compreender com suas idas e vindas com o saco de propostas e informações bem como o tronco de solidariedade. O mestre de cerimônias não trabalha em prol de si mesmo, embora possa obter dali, belíssimo aprendizado, ele trabalha dedicando-se aos demais irmãos que ali estão presente, engana-se quem por falta de análise, pensa que o mestre de cerimônias lhe entrega um copo d'água dentro do templo por mera educação, ali, neste pequeno ato, há um sacrifício do irmão ao sair do sua cadeira, atravessar a nossa via láctea, abrir as portas do umbral que está atrás de nós e lá lutar contra seus pensamentos mundanos e ter a capacidade de voltar e servir aos demais irmãos, aquele singelo copo de água.

Analisando essa pequena ação de trazer esse copo de água, podemos evidenciar também os passos do companheiro, que dá os três passos na direção reta, em frente, mas por um pequeno momento, desvia esse passo beirando os limiares do Nadir, mas volta com passo resoluto e se posta novamente entre nossas belas colunas já trazendo em seu peito um novo sinal, simbolizando que o homem que deu aquele passo vacilante, não é o mesmo que retorna à nossa oficina.

Já sabemos agora quem é o mestre de cerimônias e o que ele representa no templo, mas porque ele não pode retroceder em seus passos, não pode dar meia-volta? Bem simples, assim como no plano divino, tentamos imitar o movimentos dos anjos dentro da nossa loja, e toda a criação divina é dotada apenas de obediência, fazem o que estão determinados a fazer desde a sua criação e cada ser criado, executa apenas o que foi designado para fazer, sem questionar, sem agir por vontade própria.

Dois seres primordiais resolveram agir por vontade própria e com suas ações caíram, desviaram-se dos trabalhos que foram criados para fazer, eles foram Adão e Lúcifer, mas ainda assim, esses dois lutam para voltar ao seio divino da sua criação. Nós somos frutos materiais de Adão orquestrados pela ideação de Lucifer, os 5 passos do companheiro nos fazem lembrar que podemos até cair, mas devemos manter acesa em nossos corações a centelha divina que arde em suplica, nos fazendo ser maçons tentando buscar o caminho de casa, o caminho do Pleroma Divino.

Que a luz de GADU nos conceda obediência e compreensão para voltarmos todos ao seu paraíso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ritual do Companheiro – Rito Adonhiramita - Editora Grande Oriente do Brasil, edição de 2009

Estâncias de Dzian – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)
Bíblia Sagrada – 4ª edição de 2009 – Sociedade Bíblia do Brasil

O Zohar – O livro do esplendor

Sefer Yetzrah – O livro da criação – Edifor Sefer



A Maçonaria e sua simbologia – as alegorias que se agregaram em minha vida profana

Marcos Barbosa Vulcão

1) Introdução:

A Maçonaria é uma sociedade que tem sido um espaço de aprendizado filosófico, moral e espiritual para seus membros. Com rituais e símbolos ricos em significado, seus ensinamentos ultrapassam os limites dos templos e se manifestam na vida cotidiana. Cada símbolo, cada alegoria carrega consigo lições profundas que moldam a visão de mundo, influenciam comportamentos, proporcionam reflexões e transformações em cada maçom.

2) Desenvolvimento:

A Maçonaria utiliza um conjunto de símbolos e alegorias que guiam o iniciado a uma jornada de autoconhecimento e aperfeiçoamento. Elas são ferramentas poderosas que acrescentam conceitos, sendo elementos concretos para representar ideias abstratas. O simbolismo emprega símbolos individuais e podem ser interpretados de várias maneiras, já as alegorias criam uma estrutura metafórica abrangente sendo de natureza mais didática, muitas vezes transmitindo mensagens morais ou políticas revelando personagens, eventos e cenários que representam ideias consistentemente.

Entre os elementos mais representativos estão o Esquadro e o Compasso, que representam retidão e equilíbrio na conduta humana. O “Olho que tudo vê! Que reforça a necessidade de vigilância e autorreflexão. Já a Pedra Bruta simboliza o indivíduo em seu estado inicial, que deve ser lapidado pelo conhecimento e pela prática de virtudes.

Na vida profana, esses símbolos assumem um papel fundamental. O Esquadro e o Compasso refletem-se na busca pelo equilíbrio entre razão e emoção, seja na vida pessoal ou profissional. A Pedra Bruta passa a ideia de estarmos em constante transformação e em eterno aprimoramento intelectual e moral. O Templo Maçônico, é a representação da formação interna de cada indivíduo, sugere que a jornada da vida deve ser pautada pelo desenvolvimento espiritual e pela busca pelo conhecimento.

A letra "G" na Maçonaria é um exemplo bem amplo de múltiplos significados, isso a depender do contexto histórico. Um dos mais aceitos é que representa a Geometria, considerada uma ciência fundamental para os maçons que construíam catedrais e templos. A Geometria era vista como uma disciplina sagrada, essencial para a arquitetura e a construção.



Além disso, alguns estudiosos sugerem que o "G" pode simbolizar o Grande Arquiteto do Universo (GADU), uma referência ao princípio criador e organizador do cosmos. Outras interpretações incluem conceitos como Gnose, Geração e Grande Geômetra, refletindo aspectos filosóficos e espirituais da Maçonaria.

Com o passar dos séculos, novos significados foram atribuídos à letra "G", especialmente entre os séculos XVIII e XIX, quando maçons intelectuais começaram a reinterpretar símbolos e incorporar elementos de outras tradições, como astrologia, alquimia e cabala.

As alegorias maçônicas também se manifestam de forma prática no dia a dia. A tríade, muitas vezes representada pelos três pontos (∴) carrega vários significados como a unidade da fraternidade, a busca pela sabedoria, força e beleza, e a jornada da vida, por sua vez, todos os significados possuem vasta reflexão filosófica.

Toda simbologia remete ao maçom pensamentos e comportamentos fixados na cultura maçônica, como justiça e humildade. Todo conhecimento adquirido rompe as fronteiras do mundo sagrado e é aplicado a cada dia na vivência do mundo profano, às vezes até de forma empírica, mas que destaca a funcionalidade dos símbolos e alegorias no aprendizado.

3) Considerações finais:

A Maçonaria ao utilizar símbolos e alegorias em seus ensinamentos, de forma pedagógica, facilita a reflexão para meu crescimento pessoal. É importante ressaltar que a simbologia maçônica e as alegorias são ideológicas e não simplesmente ideográficas. Seus significados reproduzem valores que norteiam uma vida mais equilibrada. O aprendizado adquirido dentro das Lojas se estende para além dos templos, influenciando a forma em que eu encaro a vida nas tomadas de decisões. Assim, a simbologia maçônica não só ilumina o caminho do maçom, mas também se revela como um instrumento valioso para a manutenção da nossa trajetória como indivíduo. Esse comportamento, de forma geral, cria uma identidade Maçônica e uma habilidade de percebermos valores maçônicos em outros irmãos sem que haja apresentações formais.



4) Referências

CAMINO, Rizzardo da. O aprendiz maçom – As benesses do aprendizado Maçônico. Editora Madras, São Paulo-SP, 2021.

CAMPOS, Alves de. Instrucional Maçônico – Grau de Aprendiz. Grande Oriente do Brasil – Brasília–DF, 1996.

CASTELLANI, José. Uma coletânea da Rede Mundial / Mario Monteiro Chaves. 1ª Edição, pag. 146

GREIMAS, Algirdas J. Semiótica e Ciências Sociais. Editora Cultrix, Rio de Janeiro-RJ, 1976

Como interpretar os símbolos e alegorias maçônicas
<https://www.freemason.pt/como-interpretar-simbolos-alegorias-maconicas/>
Acessado em 29-05-2025

Introdução à revisão da literatura contemporânea - Simbolismo e alegoria
https://library-fiveable-me.translate.google/introduction-contemporary-literature/unit-6/symbolism-allegory/study-guide/mwqWCBNkEnIkL5tE?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=sge&_x_tr_hist=true
Acessado em 29-05-25

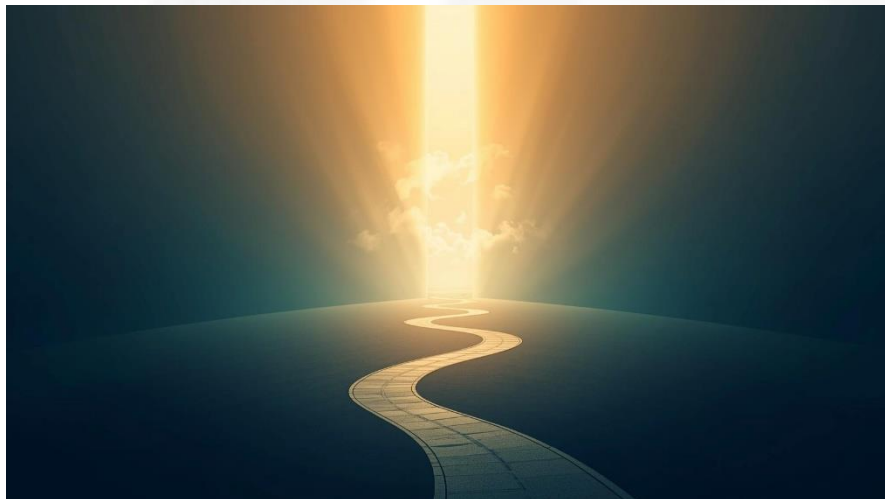
O significado da Letra “G” na maçonaria
<https://folhadolitoral.com.br/colunistas/maconaria/o-significado-da-letra-g-na-ma-onaria/>
Acessado em 29-05-25





Poema Maçônico: Vida é Luz, Palavra e Caminho

Pedro Velleda



A Vida é o grande livro que nenhum
autor assina sozinho.

Em suas páginas invisíveis,
o homem aprende que existir
é ser simultaneamente leitor,
escritor e personagem
de uma Obra que se revela
entre silêncio, trabalho e luz.

Na Academia Amapaense Maçônica
de Letras, a Vida se torna Palavra
elevada, transformada em ponte
entre o visível e o simbólico.

Aqui, cada letra é pedra lapidada,
cada verso é tijolo de consciência,
cada discurso é um passo no



caminho que conduz do Oriente
interior à compreensão do Ser.

Pois viver, como ensina a filosofia
maçônica, não é apenas passar pelo tempo,
mas torná-lo Templo.

É aprender que o universo mora
naquilo que construímos.

Na Academia Amapaense Maçônica de Letras,
a Vida é convocada a ascender, a pensar mais alto,
a sentir mais profundamente, a servir mais nobremente.
É fraternidade tornada verbo, cultura erguida como coluna,
tradição convertida em chama que nunca se apaga.
E quando o Compasso da existência fechar seu ciclo,
que cada Acadêmico possa reconhecer,
na obra que deixou inscrita na cidade,
na memória, e no coração dos Irmãos,
o reflexo de um caminho bem trilhado,
um trajeto onde a Luz foi semeada,
a Palavra honrada,
e a Vida, eterna iniciadora,
cumpriu seu mais sagrado propósito,
'ensinar o homem a tornar-se
a melhor versão de si mesmo'.



POEMA: Preservação

Zacarias Medeiros

A Natureza é perfeita, é a pura perfeição,
mas é necessário que o Homem dê sua colaboração,
e faça a preservação,
como imagem e semelhança
do Autor da criação. (Gêneses-1,26.)

Deus o Grande Arquiteto do Universo, Deus do nosso coração,
Da inspiração, para a preservação arquitetou criou com Amor,
contemplou, e viu que tudo era bom! (Gêneses- 1,25)

E ao Homem a sua imagem e semelhança ele entregou e ordenou:
crescei e multiplicai
e a terra dominai, (Gêneses-1,29)

Deus ordenou ao Homem crescer e multiplicar,
e deu o poder de os animais dominar,
mas não autorizou destruir e exterminar,
e nem envenenar as águas que são salutar,
para beber e se banhar, se purificar,
nem ordenou fazer bomba para guerrear
e se matar;
é preciso preservar.



A Natureza é perfeita
em todos os seus complementos,
seja nas fases da lua, seja na força do vento,
nas profundezas do mar e no brilho do firmamento;

no Céu na terra ou no ar,
Deus colocou perfeição,
o nevoeiro só vaza devido a condensação,
quando do gasoso ao líquido
é feita a transformação,
só precisa que o Homem
faça a preservação.



72



73



GEPAM

TIPOS DE ARTIGOS PARA PUBLICAÇÃO

Artigo Original: Artigo teórico que apresenta reflexão e interpretação crítica de algum fenômeno maçônico observado, sustentado por referências bibliográficas relevantes.

Artigo de Revisão: Avaliação crítica sistematizada da literatura, que apresente uma meta-análise ou o "estado da arte" de determinado assunto maçônico.

Letra de Musica, Fotografia, Pintura ou obra artística: Material inédito ou não de propria autoria, de assunto maçônico

Memorial Documental: Documento histórico ou memorialista acerca da Maçonaria.
Apresentado com explicação do contexto e importância da obra.

Relato Crítico de Evento: Documento formal, específico para informar resultados de eventos em execução ou concluídos, não apenas descrevendo o evento em si, mas também opinando sobre sua relevância e avanços.

Resenha: Consiste em análise crítica de livros, teses, etc publicadas no Brasil ou no exterior sobre Maçonaria.

Entrevista: Com foco nas questões ligadas aos conhecimentos e experiências Maçônicas do entrevistado.

Matéria Noticiosa: Texto claro e objetivo que transmite informações recentes e contextualizadas, sem a emissão de opinião do escritor.

Transformando homens bons...



EM HOMENS MELHORES!